

Vanguarda Socialista

ANO I — N.º 41 — Sexta-feira, 7 de Junho de 1946 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação : AV. APARICIO BORGES, 207 — 3.º ANDAR — SALA 302 • Diretor : MARIO PEDROSA

NESTE NÚMERO :

BREVES NOTAS SOBRE O FUTURO DA EUROPA, Paulo Castro — O EX-DITADOR NÃO PODE FICAR IMPUNE, Hilar Leite — ASPECTOS ECONÔMICOS, Pirajá — DOCUMENTOS DO MARXISMO, Leon Trotsky — A REVOLUÇÃO RUSSA, Mario Pedrosa — DEMOCRACIA E REVOLUÇÃO, Guy Mollet — UMA PÁGINA DE JEAN JAURÈS — UMA NOVA FASE DA TEORIA POLÍTICA SOBRE A GREVE, Juan A. Acuña — PÁGINA SINDICAL — COMO NÃO SE DEVE FAZER UMA GREVE — Reporter.

Sai às 6as-feiras — Cr\$ 0,50

A GREVE FRACASSADA

Mal esmoreciam os ecos do comício do Largo da Carioca que novo conflito surge infinitamente mais profundo do que aquele. A tentativa de greve geral da Light, se coroada de êxito, seria um ato de repercussões muito mais graves do que os tiroteios e correrias daquele largo. A responsabilidade pela tentativa, — e isso é hoje público e notório — cabe aos comunistas. Os próprios membros responsáveis do partido comunista não podem esconder o fato. A atuação do deputado Batista Neto, fora e junto à Comissão Parlamentar, foi clara e instrutiva. Não estamos aqui acusando esse partido por ter “fomentado” ou tomado posição em favor desta ou daquela greve, como vivem a fazer a hipocrisia e os sentimentos de classe dos reacionários e demagogos, ou o simples conciliacionismo classista dos liberais sinceros. Primeiro que tudo, não se trata, evidentemente, de “fomentos” a greves: a situação de crise e miséria tem em si mesma uma força “fomentadora” que dispensaria, no correr das cousas, os estímulos externos.

Trata-se de demonstrar que política atual do P. C. B. é uma política aventureira, não resultando de uma análise fria e objetiva da situação. É antes fruto de um esquema de antemão traçado. Essa política aventureira pode levar esse partido a quebrar o pescoço. Pode conduzir as massas que o seguem a um despenhadeiro. Pode acarrear a dissolução dos organismos operários, dos seus sindicatos, e desencadear, conseqüentemente, a reação mais aberta.

Se o partido comunista quer suicidar-se, não seremos nós que o vamos segurar pelo braço. O perigo, porém, está em que a sua queda arraste também as organizações do proletariado, criando de novo um clima de diadura. A própria democracia brasileira pode ser arrastada na queda do partido de Prestes. As massas iriam pagar caro esse aventureirismo do iluminado “fuehrer” dos comunistas brasileiros. Ao cabo criar-se-ia uma situação de incompatibilidade irreparável entre o proletariado e a democracia. Derrotado nas suas reivindicações, essa tímida iniciação democrática que o proletariado vem fazendo se interromperia, e ele desceria, outra vez, a ser vítima duma política gênero “pai dos pobres”, apenas mais aperfeiçoada, isto é, um peronismo nacional.

A consciência política da classe operária não se forma por um processo ascendente contínuo. Uma derrota prematura, tentativas de ação coletiva malogradas por incapacidade da direção ou aventureirismo, podem conduzir as massas a um retrocesso no amadurecimento político do proletariado.

O fracasso escandaloso da greve que os comunistas tentaram na Light revela de um lado, por parte de seus organizadores, erros de técnica e preparação palmares, e de outro, uma apreciação falsa da situação política geral do país, sobretudo do estado de espírito das massas. Aliás, os primeiros erros são oriundos em parte do segundo, que já é de ordem estratégica fundamental.

Como nos faltem, provavelmente, certos dados concretos, certas informações necessárias a situar os primeiros, a um exame seguro de suas causas, por êles passamos sem nos deter, para nos concentrarmos sobre os motivos determinantes dessa política de agitação irresponsável a que se vêm atirando Prestes & Cia.

É evidente que o Partido Comunista pretendeu envolver a Assembléia Constituinte, no caso

da Light, como cobertura à sua estratégia grevista. Esse partido pensou, evidentemente, usar a Comissão como um escudo, atrás do qual sua ação poderia fazer-se mais livremente. E a prova é que, na hora da decisão, quando a Comissão tinha cumprido a sua função de neutralizador aparente do caráter do conflito, ela foi mandada às urtigas, sem a menor cerimônia. Havia, também, no fato a velha mania comunista de “desmascarar” os outros perante as massas. A idéia era esta: Os membros da Comissão apareceriam diante das massas revoltadas e prontas à ação, à greve, como oportunistas, como amigos vacilantes e inconsistentes, quando não simples instrumentos dos patrões burgueses.

A cena na assembléia sindical que votou a greve por aclamação foi bem conduzida; mas lá fora, nas próprias empresas, ou tudo foi deixado ao deus dará, ou os elementos com que contavam os dirigentes do movimento eram ou insuficientes, ou incapazes, ou mal instruídos, ou

simplesmente não estavam animados das mesmas convicções e firmeza dos altos dirigentes.

Houve, ao que tudo indica, falta de previsão quanto às medidas de prevenção que as companhias e a polícia não deixariam de tomar para fazer abortar o movimento, como a de prender, em seus postos, os elementos mais imprescindíveis, operários e técnicos, à paralisação geral do trabalho.

Ou se não houve falta de previsão, o trabalho educativo desses elementos foi deficiente. A base, pelo que se viu, não estava na altura do papel que dela esperavam os grandes estrategistas do quartel-general. É evidente que mesmo certos setores comunistas, membros do partido ou simpatizantes, não se mostraram, êles mesmos, “tão” radicalizados quanto pretendia a direção. Ou então é que os grandes chefes comunistas, sofrendo de “ilusões parlamentares” acreditaram que resoluções tomadas, de braços levantados, por uma assembléia agitada, como toda assembléia, aliás, se transforma-

riam, automaticamente, em ação prática lá fora, nos centros e locais de trabalho estratégicos, sem que houvesse í os militantes responsáveis, devidamente instruídos e movidos pelo espírito de iniciativa e a firme decisão bolcheviques.

Para tal milagre seria preciso que o grau de “radicalização” ou de “espontaneísmo” das massas fosse tremendo e a influência do partido-vanguarda sobre elas de tal ordem já que tudo não passasse de uma operação tão simples quanto a de apertar um botão. Alguns bondes pararam nas linhas, por onde corriam no momento em que veio a ordem de parar. As centrais, os troncos importantes, as casas transmissoras de energia, as estações telefônicas não pararam um instante, não chegaram a tomar conhecimento das decisões da assembléia sindical.

Os motivos para essa falta de comunicação ou correspondência entre os que se decidia na sede dos sindicatos e a ação da massa nas empresas ou locais de trabalho podem ser muitos, do

ponto de vista técnico ou executivo. Para nós, porém, esse ou aquele erro ou falha na execução não nos interessam no momento. Êles não nos darão a chave do problema.

Como as grandes massas, a base mais ampla do Partido Comunista não está acompanhando o espírito de radicalização que domina nas próprias esferas dirigentes, é natural. Esse partido, até bem pouco tempo, ao vir à tona de legalidade, se derramava nas declarações mais oportunistas e mais servís às classes dirigentes, ao governo, aos “burgueses progressistas”. Cantava então a paz e o amor, era todo de conciliação de classes, de evolução pacífica.

Foi precisamente com essa blandícia e essa labia que arrastou o partido tantos pequenos burgueses, tantos literatos e artistas à cata de popularidade, tantas boas almas sensíveis e amantes do progresso com a paz social.

Grande parte da sua base ainda não conseguiu acompanhar o “tournant” brusco que fez Pres-

tes, ao passar de novo para a linha da luta de classes, de desafio aos poderes dominantes, depois que os Grandes Três, comô mandidos após uma operação, se lesaviam na repartição dos lesposjos dos vencidos. Não se estila o doce veneno do oportunismo da conciliação nos membros do partido e depois, de repente, se exige deles uma esquerdização para que não estavam reparados, nem atos de tremendas responsabilidades que, para serem realizados, demandam uma firme consciência revolucionária.

O comício do Largo da Carioca foi a pedra de toque para avallarmos desse famoso “grau” de radicalização das massas. É possível que desse exame tivessemos tirado uma conclusão oposta a que tirou a direção do Partido Comunista. O resultado da tentativa de chamar os trabalhadores da Light à greve veio confirmar, porém, a nossa conclusão, e não a dela. Estamos hoje firmemente convencidos disso.

Uma greve geral nas empresas da Light não é a mesma coisa que um comício ou uma greve de bancários. Nas condições dadas, a greve a que queria o Partido Comunista arrastar as massas seria uma formidável demonstração revolucionária. Indicar um grau de amadurecimento da consciência política, de um plano combativo, que ponha a questão do poder em ordem do dia, quisessem ou não os comunistas.

Nem a greve poderia ficar delimitada àquelas empresas. O efeito de uma paralisação geral nos transportes, nas energias elétrica, nos telefones propagaria-se certamente a outras camadas industriais, e a cidade acabaria à discreção do comitê dirigente efetivo da greve. Era assim inevitável que o problema transcendesse os limites de uma simples parede por aumento de salários, e a questão de saber quem ficaria senhor da cidade seria colocada com toda brutalidade.

Os círculos responsáveis pelo P. C. B. não podiam deixar de perceber um tal desenvolvimento, ou pelo menos a sua possibilidade; do contrário, não passariam mesmo de uns trêfegos agitadores sem a menor experiência, pobres diabos mais dignos do manémeio do que de outra coisa.

Em parte alguma do mundo, porém, nessa altura do século, já houve dirigentes comunistas que dessem provas de tamanha incompetência e incompreensão em questões dessa natureza, em questões de lidar com as massas e no traçar de uma ação coletiva conseqüente. Do contrário não seriam os fiéis instrumentos do Kremlin que são, ao serem promovidos a chefes. Moscou não admite barbearagens em matérias dessa ordem.

Devemos, pois, partir da admissão de que Prestes & Cia. tinham perfeita consciência do que estavam fazendo, das forças tremendas que queriam desencadear. E isso é tanto verdade que tudo fizeram para que o movimento não se desenrolasse dentro dos limites “exclusivamente corporativistas”. Êles não queriam que o problema se resumisse num simples problema de luta por melhorias de condições de vida, por aumento de salários.

E como impediriam um tal desenvolvimento “normal”? Pela sabotagem que fizeram à Comissão Parlamentar, precipitando os acontecimentos, no intuito de evitar que a proposta do aumento de 20 % nos salários fosse tomada em consideração pela massa, enquanto as empresas deliberavam. Ou melhor, enquanto as empresas procuravam ganhar tempo afim de cansar os trabalhadores.

Sim, é preciso que se diga que enquanto o partido comunista

As eleições francesas

Nas eleições francesas para a segunda Constituinte da Quarta República, a posição dos comunistas se manteve estacionária, os católicos progrediram sensivelmente e os socialistas recuaram. Em termos gerais, porém, a situação que resulta daí se conserva a mesma, do ponto de vista do equilíbrio de forças, com um ligeiro deslocamento para a direita.

Os três principais partidos que vinham dominando as combinações parlamentares, desde as eleições para a primeira Constituinte, e que exprimem os movimentos do proletariado, da pequena burguesia e de uma parte da burguesia média da França, continuam a dividir entre si, em proporções quase iguais, as possibilidades de organização do governo, sem que nenhum deles se tenha imposto decididamente aos demais. Se trocarmos o velho radical-socialismo de Herriot e Daladier pelo atual Movimento Republicano Popular, católico democrático, veremos que perdura uma situação até certo ponto análoga à de 1936, quando se deu a vitória da Frente Popular. A única diferença importante reside em que, desta vez, os grupos da direita continuam, por assim dizer, esmagados, ao passo que a maioria da Frente Popular deixou aos partidos conservadores uma minoria suficientemente grande para poder sustentar um governo, desde que os radicais rompessem com aqueles seus dois primitivos aliados, como aconteceu com o gabinete Daladier que assinou o pacto de Munique e declarou a guerra.

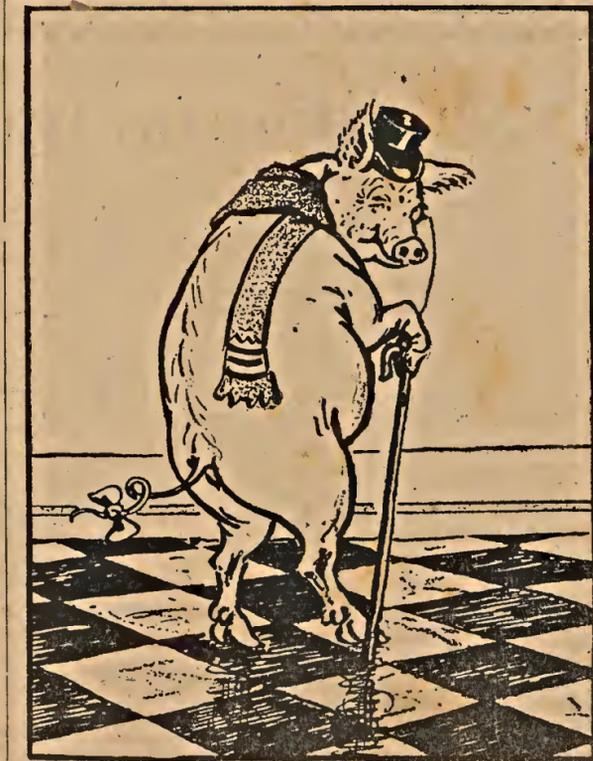
A não ser, porém, por esse esmagamento da direita, que tentou enérgicamente se reorganizar para as eleições, do dia 2 deste mês, poder-se-á dizer que, nos seus dados principais, nem o tremendo choque do conflito, nem as graves experiências da derrota, da resistência e finalmente da vitória alcançada com o apoio aliado, alteraram as tendências fundamentais da nação francesa. É certo que os comunistas progrediram consideravelmente, em conseqüência do seu papel na luta clandestina contra os alemães e do prestígio da revolução russa e das vitórias do Exército Vermelho. Mas a sua subordinação servil à política externa soviética, e o seu caráter de partido totalitário, criaram diante deles uma verdadeira barreira, que lhes têm impedido

qualquer novo desenvolvimento, mantendo-os por assim dizer bloqueados nas mesmas posições conquistadas depois da libertação do território francês.

As oscilações se têm produzido sobretudo nos efetivos eleitorais do Partido Socialista. Nas eleições para os Conselhos Gerais — eleições intermediárias entre as municipais e as nacionais, segundo o sistema institucional francês — os socialistas surgiram como o maior partido da República. Estas eleições se realizaram em setembro do ano passado, um mês antes das elei-

ções para a primeira Constituinte. Nestas, um mês depois, em outubro de 1945, os comunistas saltaram para o primeiro lugar, o M. R. P. católico ficou em segundo, por pequena diferença, e os socialistas em terceiro, também por pequena diferença. Nas eleições de agora, o M. R. P. passou para o primeiro lugar, saltando por cima dos comunistas com uma diferença já bem maior, e os socialistas continuaram em terceiro, tendo perdido, porém, mais terreno.

Os movimentos de classe que essas oscilações refletem são bem



Getúlio Vargas, ao tomar posse de sua cadeira, o que, na realidade foi assentar-se num banco de réu, para assistir a condenação do golpe de 10 de Novembro de 1937.

Traidor e velhaco, o ex-ditador foi humilhado como era preciso que fosse.

O Estado Novo foi assim condenado pela maioria democrática, para a qual entraram pesadistas rebeldes, pela Assembléia Nacional Constituinte.

Depois disso, cabe agora ao proletariado, pela sua vanguarda esclarecida, leve essa condenação até os últimos setores das massas proletárias traídas e enganadas pelo ex-ditador.

claros. É evidente que a maioria da classe operária continua cristalizada no Partido Comunista, o que marca uma diferença relativamente à situação anterior à grande guerra, quando as posições mais poderosas, no campo político e no domínio sindical, pertenciam ao Partido Socialista. Quanto à pequena burguesia, divide o seu apoio entre os socialistas e os católicos, e tende a se deslocar para estes cada vez em que se encontra diante de uma ameaça mais clara de uma dominação comunista, com todos os seus perigos de subordinação à Rússia e de estabelecimento de uma ditadura totalitária.

Além disso, o M. R. P. é sustentado por grande parte da burguesia média, em França moderadamente conservadora e democrática, e mesmo de uma certa fração da grande burguesia, atemorizada pelos progressos comunistas. Em geral, porém, o partido católico se conserva o que foi desde o seu nascimento: um partido de centro, com ampla base popular, que atinge inclusive uma pequena parte do proletariado, pela amplitude de irradiação que lhe dá a sua ideologia religiosa. Há uma fração do proletariado francês que se mantém católica, não obstante a tradição de laicidade que remonta à grande revolução de 1789 e que se afirmou através de todo o século XIX.

É difícil discernir exatamente, pelas cifras do serviço telegráfico, que não são suficientemente detalhadas, por zonas e departamentos, em que direção votou de preferência o campesinato, outra das grandes forças anteriores, os comunistas tinham conseguido uma grossa proporção de votos do campo, entre outras razões pela irradiação da sua propaganda no interior, já que as leis gaullistas sobre a imprensa francesa lhes tinham assegurado o predomínio nos jornais das pequenas cidades e departamentos agrícolas. O eleitorado camponês sempre foi de preferência radical socialista, e da sua parte é que vem a ruína deste partido. É muito possível que desta vez uma parte tenha apoiado os socialistas e o M. R. P., ainda que este partido seja por excelência um partido urbano, com maioria em Paris, por exemplo.

De qualquer maneira, a com-

(Continua na pág. 4)

(Continua na pág. 4)

Notas breves sobre o futuro da Europa

O que nos permite ainda usar a palavra Europa com um sentido que conseguiu transcender suas tormentas históricas e principalmente a última é o sentimento de todos os povos do velho continente de que criaram uma civilização *sui generis*, de que constituem mesmo na razão por que se combate um todo subjetivo, uma maneira comum social ou metafísica de encarar a pessoa humana desde os mais pequenos pormenores de viajar ou amar até às complexidades da cultura nas suas diferentes e requintadas expressões.

Alguns hoje a consideram extinta, e procuram em analogias históricas uma consolação do seu fatalismo e da sua renúncia. Julgamos porém que é necessário sobretudo saber o que morreu da Europa e o que é vivo e promissor, isto é, converter o problema em substância especulativa e não emocional.

cia como continente independente e democrático; se o não conseguirmos, seremos dominados economicamente e financeiramente pelos nossos amigos americanos ou política e militarmente pelo exército russo. Na história da Europa cumpre definir o que nos une, e afastar irrredutíveis tradicionais. Por um conjunto de circunstâncias históricas será a América do Norte e a do Sul que melhor compreenderão nossa tentativa de democracia Europeia, e por isso com este grande, poderoso e jovem continente nossas relações devem evidentemente ser íntimas e cordiais.

ALGUNS OBSTÁCULOS

A primeira grande dificuldade reside nas profundas e dolorosas recordações da ocupação da Europa pela Alemanha Nazi. É difícil esquecer o terror da Gestapo e que essa Gestapo servia à Alemanha na sua tentativa de domínio mundial.

Só a classe proletária esclarecida e os intelectuais revolucionários conseguirão demonstrar que a colaboração com a classe operária e a parte progressiva da reação Alemã é indispensável ao futuro da Europa e da Democracia Socialista. Também o povo alemão sofreu o terror de Hitler; identificá-lo com o nazismo é cometer um erro grosseiro intencional e politicamente perigoso.

Outra dificuldade, e não menor, é evitar o desmembramento da Alemanha. Com efeito, fazer regressar pela violência esse grande e vigoroso país ao período anterior à sua unificação e à criação do grande Indústria é tentar reconduzi-lo à etapa anterior à revolução burguesa e assim, em nome da defesa da Paz, fazer obra reacionária e estimular o nacionalismo alemão. O patriotismo de Thorez repugna-nos pelo que significa de abono definitivo de uma atitude internacionalista, mas não nos ilude, pois sabemos que tem um objetivo puramente eleitoral em política interna, e em política externa "coincide" com os desejos do imperialismo russo de destruir a Alemanha pela pilhagem e pela desagregação territorial, industrial e política, o que não exclui uma unificação do que restar da Alemanha desde que isso favoreça a política russa na Europa (1). O roubo e a destruição de indústrias suprime toda e qualquer possibilidade de socialismo em qualquer país, curiosa coincidência com a política "revolucionária" de Stalin.

Os magnatas alemães entregariam de bom grado aos capitalistas ingleses ou a outros, desde que os seus interesses não fossem prejudicados, o Ruhr e

o Sarre; o que interessa às massas populares alemãs e francesas é que essas regiões, fontes de matérias primas de valor excepcional, sejam socializadas em seu benefício e em entendimento com as de todos os países onde democraticamente ascendam ao poder. O problema não deve colocar-se entre vencedores e vencidos, mas entre classes reacionárias e classes revolucionárias. O ponto de vista russo demonstra na prática ser mais reacionário que o ponto de vista do Partido Trabalhista Inglês a pesar das suas hesitações e das suas formulas inspiradas em princípios de organizações capitalistas.

A pilhagem sistemática que a Rússia realizou na Europa e na Ásia, e sua atitude de Paz Imperialista para com a Itália elucidam-nos sobre suas intenções: cumpre à nova Europa democrática defender-se, com blocos ou sem blocos, aliás tão ilegítimos no ocidente como o são no oriente.

FRANÇA — ALEMANHA

A França, a pesar de país vencedor, continua a ser considerada pelos seus amáveis colegas como um país vencido. Seu esforço de reconstrução e sua independência em política externa em que as concessões são tão somente estritamente ditadas por uma superior e esclarecida inteligência, constituem motivo de admiração da parte de todos os seus amigos.

Sua política anti-alemã justifica-se plenamente mas a nosso ver a segurança francesa estará mais numa transformação estrutural da Alemanha com a qual por um destino geográfico e histórico terá sempre de conviver.

do que numa mutilação da Alemanha que alimentará inevitavelmente uma nova onda de nazismo de funestas consequências para ela e para todos nós.

A França está evidentemente, no pleno direito de tomar todas as precauções para evitar uma nova catástrofe, mas na verdade pensamos que não será nem uma nova Maginot nem uma ocupação do Ruhr ou do Reno que estabilizarão essa segurança, e sim uma ajuda racional a uma Alemanha democrática e Socialista.

Sem isto o dia em que termine a cupação militar da Alemanha será exatamente o mesmo dia em que a França terá de votar novos créditos militares. A luta suprema pela segurança da França e da Europa, será travada na própria Alemanha entre a Social-Democracia alemã e os restos de nazismo, elementos imperialistas, militaristas e totalitários.

Evidentemente que quando nos referimos à Social-Democracia não incluímos essa triste farsa de partido, realizada pela unificação de alguns grupos social-democratas com o Partido Comunista na zona de ocupação russa sob a ameaça da G. P. U. e do exército de ocupação. Felizmente isso nada representa para o resto da Alemanha.

Ajudar a Social-Democracia alemã a dar o combate em toda a extensão, aos seus inimigos que são também os inimigos da França, é uma necessidade séria, ineludível e imediata (1).

A América verá talvez com certa apreensão a democracia socialista européia, mas tudo nos leva a crer que não perturbará o seu processo de realização; quanto à Rússia, é natural que

intervenha militarmente, pois será o socialismo *sem sua auto-organização prévia*, não será o socialismo num só país, o que é insuportável para o mestre genial. Será o socialismo sem G. P. U. nem campos de concentração, o que é ainda peor, e finalmente colocará a burocracia soviética numa situação difícil em face do povo russo. A posição de Moscou perante o pacífico e democrático bloco escandinavo é uma manifestação de luta "prévia" contra a comunidade das nações européias.

É evidente porém que os mióres inimigos da Europa vivem no seu próprio seio; o nazismo surgiu do coração da Europa, e o nacionalismo é o imperialismo só gradualmente serão eliminados. A maneira como os Países Baixos encararam o problema da Indonésia e a política inglesa de hesitações na Índia revelam que o Imperialismo Europeu ainda mantém algumas das suas pretensões. Contudo em Londres assistimos ao protesto de membros do Partido Trabalhista e que o Partido Comunista francês mantém prudente silêncio sempre que as exigências da política russa a isso o obrigam.

Seria demasiado ingênuo pensarmos que é fácil à Europa chegar a este grau de conscientização que permita apresentar ao mundo um novo tipo de revolução, ou seja a integração do marxismo na sua tradição humanista.

Isto implica uma renovação e vigoramento do socialismo, para o que terão de contribuir todos os Partidos Socialistas europeus e todas as massas revolucionárias não subordinadas a Moscou. Depois de um trabalho árduo, paciente e longo de esclarecimento, grandes camadas do proletariado, que hoje ainda não querem ver o aspecto verdadeiro a que foi conduzida a U. R. S. S. pela degenerescência da Revolução, a criação do Estado Imperialista, sob a direção de uma nova classe de privilegiados, virão juntar-se pouco a pouco à Social-Democracia européia, se esta, corrigida de alguns dos seus erros, souber conduzir a Europa ao socialismo.

Sem essa renovação do Socialismo Europeu de que já se podem ver alguns sintomas na Itália, França e Inglaterra, toda tentativa de comunidade Européia será estéril e misticadora.

Igualmente, a destruição do Fascismo na Península Ibérica, a retirada das tropas Inglesas da Grécia e das tropas Russas da G. P. U. da Europa Oriental são condições *sine-qua-non* dessa comunidade. O regresso dos trabalhadores-escravo alemães à sua Pátria e a retirada de todas as tropas de ocupação da Alemanha devem ser defen-

didqs sem receio de interpretações tendenciosas, logo que a Social-Democracia demonstre ser capaz de governar a Alemanha. Ter receio de sustentar este ponto de vista é esquecer os mais elementares princípios do Socialismo e do internacionalismo. A Rússia, "país do Socialismo", pretende impôr uma paz imperialista, como única saída para as suas contradições internas; incapaz de criar a abundância e um alto nível económico para as massas, quer suprir suas insuficiências agravadas mas não criadas pela guerra à custa de todos os povos, variando de método segundo a distância a que se encontram do Exército Russo. O proletariado observa e saberá tirar as suas conclusões. As eleições na Austria e Hungria, em que os Stalinistas foram espetacularmente derrotados, são reações da Europa contra o totalitarismo de Moscou.

Só para os países que estão longe ele tem o chamado prestígio da distância...

A Europa paga no momento atual, o mais trágico da sua existência histórica, erros cometidos contra si própria e contra os outros povos e pela primeira vez, desde a invasão dos bárbaros, vive no receio constante de ser colonizada por impérios ou povos de cultura inferior mas poderosos. Sobre o velho continente paira a ameaça de uma absorção, ou de uma desagregação política e económica provocada pelo Nacional-Socialismo Russo, seguida de uma ocupação militar pelas forças do seu Exército; só o proletariado e todos os democratas que ainda não perderam a consciência da sua própria dignidade, poderão dar-lhe um novo sentido de independência e de progresso pela realização do Socialismo por métodos que não constituam a sua própria e inevitável negação.

Por incapacidade ou temor, podemos adotar outras soluções, na certeza de que construiremos sobre areia movediça e de que deixaremos aos nossos filhos o triste privilégio de pertencerem a um continente sem futuro.

PAULO CASTRO

(1) Como condição dessa unificação e para seu pleno êxito, a Rússia procura unificar os Partidos Social-Democrata e Comunista. Liquidada a social-democracia pela absorção progressiva, uma Alemanha unificada ficaria à mercê da política e do imperialismo russo.

(1) É evidente que a Social-Democracia não terá condições de triunfo em qualquer país da Europa, num ambiente de caos, de desorganização e de fome, propício a soluções "desesperadas", que na realidade não são soluções. A ajuda económica à Europa por parte da América é uma ajuda à social-democracia, cujo clima político é de destruição, de organização, de equilíbrio mental e liberdade. Cada tonelada de trigo ou de matérias primas para a indústria enviada da América significa um apelo concreto às forças democráticas européias. A Rússia negou-se a participar eficientemente na U. N. R. A., reservando seu "trigo político" para o momento de eleições.

P. C.

CONDICÕES

A Europa viverá se soubermos reconduzi-la ao seu próprio destino, se abdicarmos da tentada de domínio técnico e imperialista sobre o mundo e regressarmos às fontes do seu verdadeiro prestígio, isto é, à cultura e a um estilo de vida político, social e humano que constitui nossa verdadeira e única grandeza. É necessário pois que a Europa faça uma revisão do sentido e das condições da sua participação na vida mundial. Eis-nos condenados a ser europeus, a preferir os Enciclopedistas a Napoleão, Goethe a Hitler: este será o único e acidental resultado positivo da guerra que melancolicamente findou numa paz precária e num entendimento floreado.

O capitalismo forneceu os elementos técnicos indispensáveis para o resto do mundo prescindir da nossa "proteção"; reintegrando-nos, se assim se pode dizer, no domínio da qualidade tanto no que respeita à indústria como ao pensamento. Isto os outros povos civilizados aceitarão sem receio como contribuição da autêntica Europa ao progresso do mundo.

Enquanto a Rússia e América, por vias diferentes, estão na sua fase imperialista, a Europa atingiu sua maturidade, e se não conservar uma expressão dessa maturidade, que seria também uma expressão de defesa, sucumbirá, como outros povos mais cultos (Índia e China) sucumbiram perante o criminoso barbarismo da Europa, pretencioso e "civilizador", que hoje temos mais tendências a esquecer do que lembrar...

A Comunidade Européia exige uma economia comum dentro do respeito da autonomia política e espiritual de todos os povos. A abolição audaciosa de fronteiras económicas e a aliança política e moral da Europa são condições da sua sobrevivência.

O ex-ditador não pode ficar impune

Durante muito tempo, os jornais anunciavam um dia a sua chegada, para desmentir a chegada no dia seguinte. Era o emprego da técnica mais rudimentar para a criação da ansiedade no espírito público. Depois, ficou marcado definitivamente o dia da chegada. Sábado passado. Fizeram esse dia porque o comércio fecha às 13 horas. E a afluência do avião foi anunciada para as 14.30 horas. Todos os jornais publicaram convites ao povo, como matéria paga. As emissoras ganharam alguns milhares de cruzeiros para convocar as massas. Milhões de prospectos foram jogados em toda a cidade anunciando a chegada. Os queremistas mobilizaram-se

a fundo, empregaram todos os meios para atrair as massas. O resultado foi o fracasso mais completo.

Todos aqueles que estiveram no aeroporto Santos Dumont e viram o número dos que o esperavam puderam constatar que nestes seis meses que se seguiram a 2 de dezembro muita água correu para o mar e o seu prestígio nas massas sofreu uma diminuição considerável. Para aqueles que apregoam que ele é o "querido", as cinco ou dez mil pessoas presentes ao aeroporto desmentem toda e qualquer exploração. Por isso mesmo, os orgãos queremistas se viram forçados a publicar fotografias do (Continua na 4.ª pag.)

ASPECTOS ECONÓMICOS

O algodão no mundo e no Brasil

caso, pois as medidas adotadas de retenção do produto nos armazens do governo e a limitação das áreas cultivadas não impediram que se chegasse a um verdadeiro impasse. Não pode o governo seguir a por mais tempo, nem só porque o algodão estocado já sobe a mais de 10 milhões de fardos, como porque a retenção para fazer a valorização do produto facilitou, redunou mesmo em proteção ao produtor alienígena que assim encontrou campo aberto para desbanco o algodão americano dos mercados consumidores. Com a adoção da política de valorização, "garante o governo ao produtor 95 por cento da "normalidade", o que importa dizer, paga ao produtor 20 centavos por libra de algodão produzido. Ora, nos mercados consumidores o algodão não alcança mais de 15 centavos, o que bem demonstra a impraticabilidade de se eternizar essa política, como querem os lavradores americanos. Ainda agora, quando o governo anunciou que iria atirar no mercado livre 1.500.000 fardos de algodão, não faltaram os protestos do bloco agrícola de Washington, registrando-se imediatamente a queda nos preços de cerca de 10 pontos. É que "dez anos de protecionismo acimataram o algodão americano a um sistema de preço dobrado, do qual não sabe como sair". Os produtores de algodão e os fabricantes de tecido de algodão, afirmam uns, "sentem-se vencidos nos mercados mundiais e temem que outras indústrias de tecidos — especialmente as de algodão sintético — acabem arrebatando-lhes o mercado doméstico". "Se não pensarmos e agirmos com rapidez, dentro de pouco tempo o algodão dos Estados Unidos desaparecerá do mercado mundial", diz outro interessado no assunto.

No que toca à questão da limitação da área cultivada, também não resolveu ela o problema da limitação da produção, pois o que vimos é que em vez de diminuir, tem, ao contrário, aumentado a produção americana, ou pelo menos se manteve em nível estável. A nova técnica agrônoma introduzida pelos lavradores tem operado esse milagre: redução da área cultivada, mas aumento da produção, o que certamente constitui uma importante indicação para os que cuidam aqui de tais problemas. "Mediante melhor uso de adubos, métodos e sementes, a produção aumentou de 196 libras por acre em 1910, para 260 libras nos últimos cinco anos".

Outro fator de grande importância para a cultura do algodão, o qual certamente virá a ser de grande valia para os agricultores nacionais, é a questão da mecanização da lavoura algodoeira, até então reputada impraticável. As novas máquinas de fabricação americana permitem a colheita de 1.000 libras por má-

quina, quando um homem não consegue colher mais de 15 a 20 libras! Resultado: "uma fazenda que empregava 130 famílias com 700 trabalhadores, emprega agora 40 trabalhadores em toda a sua colheita de algodão". Lá, este fato poderá ser alarmante, por que irá agravar a questão dos sem-trabalho, mas no Brasil, onde é crônica a crise do braço para maior intensificação da produção, tal notícia é altamente promissora e abre novas perspectivas.

Trouxemos todos esses fatos à baila para demonstrar aos que se interessam, por dever de ofício, pela produção algodoeira do Brasil, que reside na industrialização do nosso algodão a normal aplicação para esse importantíssimo produto de nossos campos. Devemos ter como certo que os Estados Unidos tudo envidarão para vencer a batalha e manter a sua posição nos mercados estrangeiros. Assim sendo, ao Brasil só restará a solução de transformar o algodão que está produzindo em escala já apreciável em tecidos de algodão que, inclusive, poderão continuar sendo exportados por muitos anos ainda. Não deve considerar como viável manter o atual ritmo de suas exportações.

Consoante temos tantas vezes assinalado e vamos ainda uma vez repetir, o futuro do desenvolvimento do Brasil, da paralisação ou não do seu processo de industrialização, depende da possibilidade de maior ou menor ampliação do mercado interno, o que só se dará na medida em que for valorizado o homem, com a adoção de medidas práticas para melhorar-lhe o standard de vida, para dar-lhe oportunidade de ingressar na comunidade de homens livres e conscientes.

É certo que a burguesia nacional, "progressista", ou reacionária, que secularmente se vem beneficiando da posse exclusiva da terra e explorando ferozmente a força de trabalhos das massas humanas que vegetam nos campos ou nos grandes centros urbanos, tudo envidará para manter o regime de propriedade e de trabalho que tantos benefícios lhe tem trazido.

É por que contamos com a sistemática oposição dessas camadas privilegiadas da sociedade brasileira que temos tantas vezes afirmado: só com uma verdadeira revolução socialista da economia nacional — que constará, antes de tudo, da abolição do privilégio da posse da terra, que passará a pertencer à coletividade do povo brasileiro — e com a socialização do conjunto dos meios de produção, será encontrada a solução para as imensas contradições em que se debate o nosso país e que estão entravando o seu desenvolvimento.

PIRAJA

Como é sabido, começou com o algodão a política oficial americana de controle da produção e manipulação dos preços dos produtos agrícolas. Tal política, porém, está condenada ao fra-

DOCUMENTOS DO MARXISMO

AS QUESTÕES AGRARIAS E NACIONAIS

Observações sobre as teses do Partido Operário Sul-Africano

LEON TROTSKY

A seguinte carta, tratando de questões nacionais e agrárias, foi enviada por Trotsky aos trotskistas sul-africanos, a 20 de abril de 1935, como resposta às teses que lhe foram enviadas pelo Partido Operário sul-africano. Reproduzimos aqui o texto completo, omitindo apenas a última parte, pequena, que trata de problemas internos da organização.

As teses foram escritas, sem dúvida, na base de um sério estudo das condições tanto econômicas como políticas da África do Sul, bem como da literatura do marxismo e do leninismo, particularmente a bolchevique-leninista. Abordar todas as questões do ponto de vista científico, eis uma das importantes condições requeridas para o êxito de uma organização revolucionária. O exemplo dos amigos da África do Sul confirma agora o fato de que na presente época, apenas os bolcheviques-leninistas, isto é, os revolucionários proletários coerentes tomam uma atitude séria em relação a teoria, analisam as realidades e aprendem primeiro, antes de ensinar os outros. A burocracia stalinista há muito substituiu o marxismo por uma combinação de imprudência e de ignorância.

Nas seguintes linhas desejo fazer certas observações acerca das teses que servirão de programa ao Partido Operário sul-africano. Sob circunstância alguma apresento essas observações em oposição ao texto das teses: Estou muito pouco relacionado com as condições da África do Sul, para pretender ter uma opinião muito definitiva sobre uma série de questões práticas. Apenas em certos lugares sou obrigado a expressar o meu desacordo quanto a certos aspectos das teses. Mas também aqui, tanto quanto posso julgar de longe, não temos diferenças de princípios com os autores dessas teses. E' antes uma questão de certos exageros políticos surgindo da luta com a pernicioso política nacional do stalinismo. Mas é do interesse da causa não deixar passar nem mesmo a mais infima inexatidão na apresentação, e sim pelo contrário, expô-las para deliberação aberta, a fim de chegar ao mais claro e irreprensível texto. Tal é o objetivo das seguintes linhas, ditadas pelo desejo de dar algum auxílio aos bolcheviques-leninistas sul africanos, neste grande trabalho cheio de responsabilidades a que nos dedicamos.

As possessões sul-africanas da Grã-Bretanha formam um Domínio, apenas do ponto de vista de uma minoria branca. Do ponto de vista da maioria negra, a África do Sul é uma colônia de escravos.

Não se pode pensar num levante social (em primeiro lugar numa revolução agrária) enquanto o imperialismo britânico se conserva nos Domínios Sul-Africanos. A derrubada do imperialismo britânico da África do Sul é tão indispensável para o triunfo do socialismo na África do Sul como é para a própria Grã-Bretanha.

Se for possível presumir que a revolução rebente primeiro na Grã-Bretanha, quanto menos apóia a burguesia britânica encontrar nas Colônias e Domínios, inclusive uma possessão tão importante como a África do Sul, mais rápida será a sua derrota no interior. A luta pela expulsão do imperialismo britânico, dos seus instrumentos e agentes, entra como parte indispensável, no programa do partido proletário sul-africano.

A REPUBLICA NEGRA

A derrubada da hegemonia do Imperialismo britânico na África do Sul pode vir como um resultado da derrota militar da Grã-Bretanha e da desintegração do Império; neste caso os brancos da África do Sul, podem ainda por um certo período não muito considerável, conservar o seu domínio sobre os pretos. Outra possibilidade que na prática poderia ser relacionada com a primeira é a de uma revolução na Grã-Bretanha e nas suas possessões. Três quartas partes da população da África do Sul, (quase seis milhões, em um total de quase oito milhões) é composto de não europeus. Não se pode pensar em triunfo, numa revolução, sem despertar as massas nativas; por sua vez, a revolução lhes dará o que lhes falta hoje em dia: confiança na sua força, uma consciência pessoal elevada, e progresso cultural. Sob essas condições, a república Sul-Africana emergirá primeiro como uma república "negra"; isto não exclui decerto igualdade plena para os brancos ou relações fraternais entre as duas raças (o que depende principalmente da conduta dos brancos). Mas é inteiramente claro que a maioria predominante da população, libertada da dependência escrava, imprimirá um certo cunho ao Estado.

Na medida em que uma revolução vitoriosa mudará radicalmente não somente a relação entre as classes, como também entre as raças, e assegurará aos negros no Estado, esse lugar que corresponde ao seu número, na mesma medida a revolução social na África do Sul terá um caráter nacional. Não temos a menor razão de fechar os olhos a este lado da questão ou diminuir a sua significação. Pelo contrário, o partido proletário deveria, em palavras e ações, aberta e ousadamente tomar em mãos o problema nacional (radical).

Contudo o partido proletário pode e deve resolver o problema nacional pelos seus próprios métodos.

A arma histórica da libertação nacional só pode ser a luta de classe. O Comintern, a partir de 1924, transformou o programa da libertação dos povos coloniais numa abstração democrática que é elevada acima da realidade das relações de classe. Na luta contra a opressão nacional, as diferentes classes se libertam (temporariamente!) dos interesses materiais e tornam-se simplesmente forças "anti-imperialistas". A fim de que essas "forças" espirituais preencham corajosamente a tarefa que lhes é designada pelo Comintern, prometem-lhes como recompensa um Estado "nacional-democrático" (com a inevitável referência à fórmula de Lenine, "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses").

LENINE EM 1917

A tese acentua que em 1917, Lenine, abertamente de uma vez por todas, afastou o "slogan" de "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses", como se isso fosse uma condição necessária para a solução da questão agrária. Isso é absolutamente correto. Mas a fim de evitar mal entendidos dever-se-ia acrescentar que (a) Lenine sempre falou de uma ditadura revolucionária burguesa democrática e não de um Estado "popular" abstrato; (b) Na luta por uma ditadura democrática burguesa, propunha um bloco de "forças anti-casistas" mas realizava uma política independente de classe do proletariado. O "bloco anti-casista" era idéia dos socialistas revolucionários russos e dos Cadetes de esquerda, isto é, dos partidos da pequena e da média burguesia. Contra esses partidos os bolcheviques travaram sempre uma luta irreconciliável.

Quando a tese diz que o "slogan" de uma "República Negra" é tão prejudicial para a causa revolucionária como o "slogan" "A África do Sul para os brancos", então, não podemos concordar com a forma dessa afirmativa: ao passo que na última trata-se de apoiar uma opressão completa, na primeira trata-se de dar os primeiros passos no caminho da libertação. Devemos aceitar, com toda a decisão e sem reserva alguma, o completo e incondicional direito dos pretos à independência. Apenas na base de uma luta mútua contra o domínio dos exploradores

brancos pode ser cultivada e fortalecida a solidariedade dos trabalhadores negros e brancos. E' possível que depois da vitória os negros achem desnecessário formar um Estado negro separado na África do Sul; certamente não os forçaremos a estabelecer um Estado separado, mas deixemo-los admitirem isso livremente, na base de sua própria experiência e não forçados pelo sjambok (bengala sul-africana) dos opressores brancos. Os revolucionários proletários nunca devem esquecer o direito das nacionalidades oprimidas à auto-determinação, inclusive a separação completa, e o dever do proletariado das nações opressoras de defender esse direito de armas na mão, se tal for necessário!

Essa tese sublinha de maneira inteiramente correta o fato de que a solução da questão nacional na Rússia foi trazida pela Revolução de Outubro. Os movimentos democráticos nacionais, por si sós, eram impotentes para lutar contra a opressão nacional do czarismo. Apenas em virtude do fato de que tanto o movimento das nacionalidades oprimidas como o movimento agrário dos camponeses deu ao proletariado a possibilidade de arrebatar o poder e de estabelecer a sua ditadura, foi que a questão nacional, bem como a agrária, encontraram uma solução decisiva. Mas a verdadeira associação dos movimentos nacionais com a luta do proletariado pelo poder tornou-se politicamente possível apenas graças ao fato de que os bolcheviques, durante toda a sua história, conduziram uma luta irreconciliável com os grandes opressores russos, apoiando sempre e sem reservas o direito das nacionalidades oprimidas à auto-determinação, inclusive a separação da Rússia.

OS MÉTODOS DE LUTA DE CLASSE DE LENINE

A política de Lenine em relação às nações oprimidas não tem entretanto nada de comum com a política dos epígonos (stalinistas). O Partido bolchevique defendeu o direito das nações oprimidas à auto-determinação, com métodos de luta de classe proletária, rejeitando inteiramente os blocos charlatães "anti-imperialistas"; com os numerosos partidos "nacionais" pequeno-burgueses da Rússia czarista (P. P. S., o partido de Pilsudski na Polónia czarista, o Dashnaki na Arménia, os nacionalistas ucranianos, os Sionistas judeus, etc., etc.). Os bolcheviques têm sempre desmascarado impiedosamente esses partidos, bem como os Socialistas Revolucionários russos, as suas vacilações, o seu aventurismo, mas principalmente a sua falsidade ideológica de estarem acima da luta de classes. Lenine não cessou a sua implacável crítica, mesmo quando as circunstâncias o forçaram a este ou aquele acordo episódico e estritamente prático com eles. Não podia haver questão de aliança permanente com eles sob a bandeira do "anti-casismo". Apenas graças a sua irreconciliável política de classe foi que o bolchevismo pôde conseguir no tempo da Revolução, pôr de lado os mencheviques, os social-revolucionários e os partidos nacionais pequeno burgueses e reunir em torno do proletariado as massas de camponeses e as nacionalidades oprimidas.

"Não devemos", diz a tese, "competir com o Congresso Nacional Africano nos "slogans" nacionalistas a fim de conquistar as massas nativas". A idéia é em si correta, mas requer uma ampliação concreta. Insuficientemente relacionado que sou com as atividades do Congresso Nacional, posso apenas, na base de analogias, sublinhar a nossa política a esse respeito, declarando-me, antes de tudo e pronto para acrescentar as minhas recomendações todas as modificações necessárias.

1) Os bolcheviques-leninistas põem-se em defesa do Congresso como acontece em todos os casos, quando está sendo atacado pelos opressores brancos e os seus agentes chauvinistas nas fileiras das organizações proletárias.

2) Os bolcheviques-leninistas colocam as tendências progressivas acima das reacionárias no programa do Congresso.

3) Os bolcheviques-leninistas desmascaram perante as massas nativas, a inhabilidade do Congresso para conseguir até mesmo a realização das suas próprias reivindicações, em virtude da sua política conciliatória e superficial, e desenvolvem, em oposição ao Congresso, um programa de Luta de Classe Revolucionária.

4) Acórdos separados, episódicos com o Congresso, quando forçados pelas circunstâncias, são permissíveis apenas dentro dos quadros de tarefas práticas estritamente definidas, com a retenção de plena e completa independência da nossa própria organização e liberdade de crítica política.

A tese salienta, como o principal "slogan" político, não um "Estado democrático nacional", e sim um "Outubro" sul-africano.

Os socialistas espanhóis no processo de Alcalá de Henares

Uma página gloriosa da resistência clandestina contra o regime de Franco.

Em Alcalá de Henares, realizou-se o Conselho de Guerra para julgar a Comissão Executiva do Partido Socialista Espanhol. A ata de acusação estabelecia responsabilidades para trinta e cinco companheiros por terem reconstituído o Partido Socialista, atentando com isto, segundo a qualificação do fiscal franquista, contra a segurança exterior do Estado.

O processo começa com a leitura da ata de acusação, que nossos companheiros seguem com a maior atenção. Todos eles guardam uma atitude serena e concentrada. A ata começa por estabelecer que a maior parte dos processados tinham sido detidos já no fim da guerra, e mais tarde postos em liberdade provisória. Esta circunstância foi aprovada para procederem à reorganização do Partido Socialista; conclui criticando este fato, como uma conspiração contra a segurança do Estado, que em vista do disposto no Código de Justiça Militar, deve ser castigada com a pena máxima.

Depois de salientar que os acusados estenderam a organização do Partido Socialista por toda a Espanha, dirigindo, sua ação no sentido de derrubar o regime franquista; depois de acumular todos os elementos de acusação que pudessem pesar so-

bre nossos companheiros, inclina-se a parte verdadeiramente interessante do processo.

Nossos companheiros levantam-se para falar. Na sala, faz-se impressionante silêncio. Um silêncio que bem depressa se transforma em assombro e em crescente expectativa. Enquanto o Tribunal se prepara para ouvir uma narração dos fatos baseada na perspectiva de condenação e para escutar uma habil exposição defensiva tendente a diminuir a sua responsabilidade, a Comissão Executiva de Nosso Partido na Espanha se declara responsável pela reorganização do Partido Socialista Operário Espanhol em território nacional. Declara ter procedido deliberada e conscientemente na realização dos feitos que lhe são imputados. Declara ter mantido constantemente a sua fé nos ideais socialistas. Declara sua fidelidade ao Partido e renhassa todas as coações que possam ser dirigidas a menoscar essa fidelidade.

A declaração viril, enérgica, segura, vai ampliando progressivamente o seu teor. Os socialistas nunca renegam os seus ideais. Em nenhuma circunstância. Diante de nenhuma ameaça. A voz firme de nosso companheiros enche a sala, avassalante, impregnada de emoção e de con-

no. A tese prova, e prova de maneira convincente, (a) que as questões nacionais e agrárias, na África do Sul, coincidem nas suas bases; (b) que ambas as questões podem ser resolvidas apenas de uma maneira revolucionária; (c) que a solução revolucionária dessas questões conduz inevitavelmente à Ditadura do Proletariado, que guia as massas camponesas nativas; (d) que a Ditadura do proletariado, abrirá uma era de regime soviético e de construção socialista. Essa conclusão é a pedra angular de toda a estrutura do programa. Aqui, estamos de completo acordo.

"SLOGANS" TATICOS

Porém as massas devem ser trazidas a essa fórmula "estratégica" geral, por meio de uma série de slogans táticos. Só é possível executar esses "slogans", em cada fase dada, na base de uma análise das circunstâncias da vida e luta: do proletariado e dos camponeses e da situação interna e internacional em conjunto. Sem pretender entrar profundamente nesta questão, gostaria de tratar resumidamente das relações mútuas entre os "slogans" nacionais e agrários.

A tese sublinha várias vezes que as questões agrárias e não as nacionais, devem ser colocadas em primeiro lugar. E' essa uma questão muito importante, que requer seria atenção. Pôr de lado ou enfraquecer os "slogans" nacionais com o objetivo de não entrar em antagonismo com os chauvinistas nas fileiras da classe trabalhadora seria, de certo, um oportunismo criminoso, o que é inteiramente alheio aos autores e defensores da tese; isso decorre claramente do texto da tese, que é impregnada do espírito do internacionalismo revolucionário. A tese fala admiravelmente dos "socialistas" que lutam pelos privilégios dos brancos, que "devemos reconhecer como sendo os maiores inimigos da Revolução". Assim, devemos procurar outra explicação que é sumariamente indicada no próprio texto: as massas camponesas nativas atrasadas sentem muito mais diretamente a opressão agrária do que a opressão nacional. E' inteiramente possível: a maioria dos nativos é de camponeses; o grosso das terras está nas mãos de uma minoria branca. Durante a sua luta pela terra, os camponeses russos puderam durante muito tempo a sua fé no czar e recusaram-se obstinadamente a traçar conclusões políticas. Do tradicional "slogan" da inteligência revolucionária "Terra e Liberdade", os camponeses, durante muito tempo, aceitaram apenas a primeira parte. Foram necessárias décadas de inquietação agrária e de influência e ação dos trabalhadores das cidades para habilitar os camponeses a reunir os dois slogans.

Os pobres Bantus escravizados dificilmente depositam mais esperanças no rei da Grã-Bretanha ou em MacDonal. Mas o seu extremo atraso político é também expressado na sua falta de consciência nacional. Ao mesmo tempo, sentem com agudeza a servidão fiscal e territorial. Dadas essas condições, a propaganda pode e deve antes de tudo fluir dos slogans de revolução agrária, a fim de que, passo a passo, na base da experiência da luta, os camponeses possam ser trazidos a conclusões necessárias, políticas e nacionais. Se essas considerações hipotéticas são corretas, então, não estamos interessados aqui no programa em si, mas antes nos meios de levar esse programa à consciência das massas nativas.

Considerando-se o pequeno número de quadros revolucionários e a extrema difusão dos camponeses, será possível influenciar estes últimos pelo menos no futuro imediato, principalmente, se não exclusivamente, por meio dos trabalhadores avançados. Portanto, é de maior importância educar os trabalhadores avançados no espírito de uma compreensão clara da significação da Revolução agrária, para o destino histórico da África do Sul.

POR MEIO DOS TRABALHADORES AVANÇADOS

O proletariado do país consiste nos párias negros atrasados e numa casta privilegiada e arrogante de brancos. Nisso está a grande dificuldade de toda a situação. Conforme afirma corretamente a tese, as convulsões econômicas do capitalismo apodrecido podem abalar fortemente as velhas barreiras e facilitar o trabalho da união revolucionária. Seja como for, o maior crime da parte dos revolucionários, seria fazer a menor concessão aos privilégios e preconceitos dos brancos. Está perdido todo aquele que der até mesmo a ponta do dedo mínimo ao demônio do chauvinismo. O partido revolucionário deve pôr diante de cada trabalhador branco a seguinte alternativa: ou com o imperialismo britânico e com a burguesia branca da África do Sul, ou com os trabalhadores negros e camponeses, contra os brancos feudais e proprietários de escravos e os seus agentes nas fileiras da própria classe trabalhadora. A derrubada do domínio britânico sobre a população negra da África do Sul não significará, sem dúvida, um rompimento econômico e cultural com a ex-mãe pátria se esta última se libertar da opressão dos seus saqueadores imperialistas. Uma Inglaterra Soviética estará habilitada, a exercer poderosa influência cultural e econômica sobre a África do Sul, por meio dos brancos que de fato, na verdadeira luta, tiverem ligado a sua sorte com a dos atuais escravos coloniais. Essa influência será fundada não no domínio, mas numa cooperação proletária.

Porém mais importante, com todas as probabilidades, será a influência que a África do Sul exercerá sobre todo o continente negro. Ajudar os negros a alcançar a raça branca, a fim de atingirem, de mãos dadas com ela, a novos níveis de cultura, eis a única, a nobre, a grandiosa tarefa de um socialismo vitorioso.

Executiva do Partido Socialista Operário Espanhol fez o seu processo diante do Conselho de Guerra que se reuniu em Alcalá de Henares. Foi a voz dos acusados a que falou com autoridade plena, a que se elevou com autêntica e argumentada acusação. Foi a Espanha que falou pela boca de nossos companheiros. Essa Espanha democrática e livre que tem para si um lugar reservado no seio das Nações Unidas. É a Espanha que deu o melhor de seus filhos pela liberdade e pela Democracia. Diante desta voz, o aparelho repressivo de Franco teve de ceder. O Conselho de Guerra ficou desarmado diante do valor inquebrantável de nossos companheiros.

"SER SOCIALISTA CONSTITUE UM DELITO; POR ESSE DELITO RESPONDEM OS SOCIALISTAS COM A VIDA."

E assim se desenrola o discurso claro e limpo dos acusados. Assim, na mente de seus próprios juizes, vai-se perdendo a idéia da esperada retratação. Ali estão os acusados para responder plenamente por todos os seus atos, reafirmando-os, reforçando-os com argumentos concludentes esmagadores.

"Devemos buscar subterfúgios para nossa condição política? Estará acaso o socialismo proscrito como doutrina política? Funciona clandestinamente, à margem da lei, os partidos socialistas da Europa e do mundo? Nenhum temor poderá induzir-nos a uma retratação. Qualquer que seja a pena que nos queiram aplicar, ela não nos fará retroceder nem modificar em coisa alguma as nossas convicções. Estamos dispostos a sofrer a pena, qualquer que seja, se nos é aplicada por pensarmos e agirmos como socialistas."

A acusação contra o regime continua implacável. A Comissão

(De "El Socialista", órgão do Partido Socialista Espanhol na França.)

"Todos os movimentos históricos têm sido, até aqui, movimentos de minorias ou em proveito de minorias. O movimento proletário é o movimento espontâneo da imensa maioria em proveito da imensa maioria. O proletariado, camada inferior da sociedade atual, não pode levantar-se sem fazer saltar todas as camadas superpostas que constituem a sociedade oficial". — KARL MARX — "Manifesto Comunista".

A greve fracassada

(Continuação da pág. 1)

manobrava por seu lado, para puxar brasa para a sua sardinha, as empresas patronais, por seu lado, procuravam tirar partido da intervenção da Comissão Parlamentar. Esta estava assim entre dois fogos: o partido comunista, à esquerda e a Light, à direita. As massas, para ambos eram apenas instrumentos de exploração.

Ao sabotar a ação da Comissão Parlamentar, os comunistas faziam na realidade, o jogo dos patrões. Vejamos. E' preciso, com efeito, que se diga, que a Light e empresas correlatas tinham também interesse em que as negociações fracassassem elas queriam também que os esforços da Comissão fossem torpedoados, e os operários, excoitados pela demagogia comunista, desesperados, fossem à greve.

E a prova é que, assim que estalou o movimento, assim que a polícia interveio para maaar a fome de famílias dos trabalhadores a pau, e a parede gorou no ovo, os representantes da empresas correram cnicamente à Comissão Parlamentar, para dizer-lhe que já não se interessavam pelo caso "que agora estava afeto ao governo".

A Light mostrou, assim, todo o seu jogo: ela quis apenas usar a Comissão como um joguete, e por isso a recebeu, com ela discutiu, deu as informações precisas, etc. Assim procedendo, ganhava tempo e cansava as massas operárias foremente traalhadas pelos comunistas. Fingindo que aceitava a intervenção pacificadora dos parlamentares, o que as empresas visavam era com uma caçada a maaar dois coelhos: tirar o ânimo combativo de toda a massa através da ação da Comissão Parlamentar que os patrões, no seu amoralismo, acreditavam ser apenas de caráter sedativo, e por outro, agular, ainda mais, a minoria alva, sob a influencia comunista desceperada pelos obsaculos e lenidão natural das negociações. Os representantes da Light alimentavam a esperança de que es a se lançasse afinal à greve, antes de vencer o prazo para que eles dessem a sua resposta às propostas da Comissão.

A greve surgiria, assim, por obra de uma minoria tangida pelos comunistas; separada a minoria, finalmente, da massa, seria mais fácil sujeitá-la à ação repressiva da polícia. Uma vez fracassada "o caso" estaria "ipso facto" liquidado, dando a própria Comissão Parlamentar o

seu papel como encerrado. Apenas não calcularam os dirigentes da Light e adjacentes que da Comissão faziam parte homens honestos, democratas empenhados sinceramente em conseguir uma melhoria de salários para os milhares e milhares de trabalhadores da grande empresa monopolista.

Assim fez-se uma frente unica de comunistas e diretores da Light para não dar aumento de salários aos condutores e motorneiros dos nossos terríveis bondes, às telefonistas, aos mecânicos e empregados da luz e da força elétrica do Rio de Janeiro. Ambos ainda agora, estão sobretudo interessados em que a Comissão Parlamentar entregue os pontos, desanimada de conseguir dos grandes capitalistas da Light as concessões favoráveis à massa trabalhadora.

A Comissão tem agora uma tarefa a completar. A ela cabe a luta principal para forçar o grande monopólio canadense a ceder um pouco de seus lucros fabulosos em favor de seus milhares de explorados. A massa

operária formará por trás da comissão, e então, se a empresa resistir, ter-se-á criado a condição para que os operários cruzem, enfim, os braços, sem perigo para a ordem pública, sem aventurismos e objetivos políticos escusos. E sobretudo, o movimento contará então com o apoio da opinião pública do Rio. E' preciso que as empresas saibam que essa é a decisão da massa trabalhadora, firmemente disposta a secundar a ação da Comissão Parlamentar.

O movimento assim escapa à ação deformadora dos comunistas e a causa que envolve é colocada, com toda clareza, diante da opinião pública para que esta veja de que lado está a razão, se do lado das dezenas de milhares de trabalhadores e empregados da empresa imperialista ou se do lado desta, que tem o usufruto de um dos maiores monopólios que se conhecem.

A visão errada, a apreção falsa de Prestes e seus acólitos levaram o seu partido a essa segunda derrota indiscutível. O aventurismo a que se entregam

os dirigentes desse partido, visa forçar um aprofundamento revolucionario da crise economica a toque de caixa, e a poder de ações de minorias superorganizadas e audazes. E' o bolchevismo elevado à sua máxima potencia. Nada de obedecer ao próprio processo histórico, em seu ritmo natural e sua direção; a ação conciente não deve apenas limitar-se a ajudar o processo, a definir-se melhor, e a tudo fazer pela educação paulatina e sistemática das massas; nada disso. O que se impõe é forçar o fruto a amadurecer antes do tempo, é conspurcar todo movimento, mesmo o mais espontaneo, toda iniciativa de massa, mesmo a mais embrionaria, pela influencia externa, a excitação secreta duma minoria que se pretende "mais esclarecida". Mas ela não é a mais esclarecida, é apenas a mais messiânica, porque se julga privilegiada por direito divino, ou decisão de Stalin, e tem por única preocupação habilitar-se a cavalgar as massas e instituir, afinal, a sua ditadura totalitária.

OS SINDICATOS NA RUSSIA

SALOMON M. SCHWARZ

Os sindicatos russos vivem sob condições singulares, não somente políticas como econômicas. Trabalham num sistema altamente centralizado, fundado no principio da propriedade pública de todos os meios de produção mais importantes.

Não se trata aqui da questão do sindicalismo numa sociedade socialista. Se a União Soviética é uma questão altamente controversa. Aqueles que pensam que a propriedade pública dos meios de produção é suficiente para caracterizar uma sociedade como socialista consideram a Rússia um Estado socialista. Aqueles, porém, que como o autor destas linhas pensam que a propriedade pública dos meios de produção — conquanto seja um elemento necessário ao socialismo, não basta para dar a uma sociedade o caráter de socialista, se não tem em mira a igualdade social e a liberdade política, contestam o caráter socialista da União Soviética. Mas, socialista ou não, a União Soviética é um estado sui generis, de estrutura econômica diferen-

te dos países capitalistas, e assim o seu sistema de sindicatos, se os há, tem caráter um tanto diferente, também.

O problema dos sindicatos numa sociedade socialista nunca foi suficientemente esclarecido. Enquanto as relações de trabalho forem fundadas na compra e venda da mão de obra (e segundo parece essa base sobreviverá na sociedade socialista, nas suas primeiras fases históricas, isto é, durante varias décadas, depois do início da era socialista) os sindicatos como organizações de vendedores de mão de obra, serão mantidos na sociedade socialista. Isso é mais necessário ainda numa sociedade fundada na propriedade pública dos meios de produção, que não luta pela justiça social e que nega as liberdades básicas de expressão e associação. Em tal sociedade, com o poder econômico e político concentrado nas mãos das autoridades do Estado, que têm ao mesmo tempo a função de empregadores, os sindicatos têm importantes funções a cumprir, como organizações operárias.

OS SINDICATOS NOS ANOS DA DECADE DE VINTE
Como foi e como é este problema encarado na União Soviética? Para se compreender o papel dos sindicatos na vida industrial da Rússia, é preciso ter sempre em vista as diferenças capitais entre os sindicatos soviéticos tal como eram nos anos de vinte e tal como passaram a ser sob o novo sindicalismo, que se desenvolveu na Rússia desde 1929.

Nas primeiras etapas da reabilitação da economia russa, que sofreu muito com a guerra civil, Lenin formulou teses "sobre o papel e as tarefas dos sindicatos nas condições da nova economia". Teses estas que foram publicadas no começo de 1922, em nome do Comitê Central Comunista Pravda, 17 de Janeiro de 1922, e aprovada três meses mais tarde, pelo 11º Congresso do Partido. Essas "teses" — um documento de mais de 3 mil palavras — foram por quase uma década como um credo do socialismo soviético.

Afirmavam que a defesa dos interesses dos trabalhadores era reconhecidamente o dever dos sindicatos, e salientavam que, a fim de cumprir esse dever, pelo menos naquela etapa — sustentavam que uma "luta econômica". A "luta econômica" nas empresas socializadas era nitidamente diferenciada da "luta de classe" nas empresas privadas, e em essência não tinha de ser outra coisa senão uma representação dos interesses dos trabalhadores, por meios pacíficos. A expressão "luta econômica" foi depressa esquecida, mas mesmo depois de ter caído em desuso ainda era costume salientar-se que — segundo as próprias palavras da resolução de 14º Congresso do Partido Comunista, em dezembro de 1925 — "a tarefa mais importante e urgente dos sindicatos" era "a proteção dos interesses econômicos das massas nele representadas".

E certo que na prática, mesmo nos anos de vinte os sindicatos muitas vezes se viram privados

da força necessária para enfrentar as organizações econômicas e proteger eficientemente os interesses dos trabalhadores. Mas, em principio, a sua condição de representantes dos interesses econômicos específicos das massas era indiscutível.

O PRIMEIRO PLANO QUINQUENAL

Com esta concepção de suas tarefas, os sindicatos soviéticos cresceram nos anos de vinte, tornando-se um fator relativamente importante na vida industrial. Em 1929, com a introdução da política de planos quinquenais, de industrialização intensiva e extraordinariamente acelerada, os sindicatos passaram por sérias provações. Quase todos os líderes que tinham alcançado posição de destaque nos anos vinte foram "expurgados" em 1929, e substituídos por gente nova o mais das vezes do aparelho do partido. Não só os homens que se destacaram nos sindicatos foram condenados mas ainda a própria ideologia formulada nas "teses". Daí por diante, a própria idéia de que os sindicatos deviam representar interesses específicos dos trabalhadores foi rejeitada como "oportunismo" e desvio "sindicalista".

As bases da política dos anos de vinte não tinham desaparecido: "contabilidade comercial", "a necessidade urgente de aumentar a produtividade do trabalho e de garantir a estabilidade de todas as empresas estatais", "o inevitável interesse e zelo burocrático (das autoridades industriais)", "algum cho que de interesses em questões de trabalhos entre a massa dos trabalhadores e os diretores, gerentes e as organizações a cargo das empresas" — todos esses fatores não só permaneceram de pé, como até cresciam em importância. Assim, o repúdio ao "sindicalismo" dos anos de vinte não foi uma consequência natural do desenvolvimento sindical russo; foi antes uma brusca interrupção desse desenvolvimento, imposta de fora.

Novo programa de atividade sindical, formulado em um manifesto de Conselho Central "purificado" dos sindicatos da URSS, apareceu (na Pravda, entre outros, em 6 de setembro de 1929. A idéia central desse manifesto era a de acelerar a produção; só indiretamente, em virtude de algum automatismo social-econômico, é que a melhoria das condições de vida dos trabalhadores deveria decorrer da produção intensificada. A tarefa imediata era "voltar a atenção dos sindicatos e de suas dependências, de alto a baixo, para a produção, a fim de ficarem mais próximos da economia socialista, dando por conseguinte impulso à participação mais ampla, mais profunda e mais conciente das massas trabalhadoras na construção socialista."

Os sindicatos deveriam elevar os níveis de produção, aumentando a produtividade do trabalho e aperfeiçoando a disciplina do trabalho. Todas as outras tarefas sindicais subordinadas a esse objetivo principal. O manifesto denunciava expressamente os operários que se queixassem de seus salários, cha-

O ex-ditador não pode ficar impune

(Continuação da pág. 2)

ponto do local onde a massa era mais completa: junto à estação de desembarque, onde estava instalado o microfone pelo qual o locutor queria vomitar os slogans mais surrados da demagogia getuliana.

Fracassaram os quemistas na sua mobilização e o esperado teve de contentar-se com uma recepção bem chifrim, preferindo sair às carreiras pelos fundos para poder ainda mistificar, desconsiderando todos os seus partidários.

O Porco de São Borja depois das curtas férias que o movimento de 29 de Outubro lhe impôs, está assim de novo nesta capital. Vem certamente examinar a situação e tentar agrupar os seus mais fiéis cumpridos, não para uma política de golpes ou de revolução, mas para, por meio de intrigas e conchavos, conseguir algumas vantagens e uma leide indenidade para os crimes cometidos durante os quinze anos de seu governo.

O Porco, que se acostumara às manifestações organizadas pelo DIP e Departamento Nacional do Trabalho e custeadas com os dinheiros do Fundo do Imposto Sindical, deverá a estas horas estar constatando que o seu prestígio era gerado pelo poder de expedir decretos leis, concedendo vantagens que até hoje não passaram do papel.

Vem o "Porco" tomar posse de sua cadeira de senador, para a qual foi eleito a 2 de dezembro, porque o Governo Provisorio, presidido pelo ministro José Linhares não teve a coragem suficiente para prendê-lo e submetê-lo a julgamento de um tribunal, que não poderia ter outro veredito senão o de o condenar à morte, pelos seus inumeros crimes contra a Nação.

Getúlio Vargas é o responsável pelo golpe de 10 de Novembro de 1937, que destruindo as liberdades democráticas impôs a todo o país o mais negro totalitarismo, copiando a constituição

fascista polonesa. Getúlio Vargas é o responsável pela imensa onda de erupção que avassalou o país. E' de fato o construtor de Quitandinha e Araxá, e outras arapucas. Protetor de sua família e cúmplices, dispôs da coisa publica a seu arbitrio. Negociou um pacto com os Estados Unidos, até hoje não publicado, alienando a própria soberania nacional. Subordinou o Brasil ainda mais ao imperialismo. Comprometeu toda a economia nacional pela sua incapacidade política e administrativa. Algemou todo o pensamento político do povo.

Getúlio Vargas é o principal responsável pelas torturas de milhares de operários e intelectuais, militantes revolucionários. Os assassinados nas masmorras policiais, os que morreram de fome e maus tratos nos presídios e na Ilha Grande, aqueles que tiveram seus lares destruídos, os que foram mutilados e perderam a saúde erguem-se hoje para acusar Getúlio Vargas, esse ditador, imoral e incapaz, corruptor e corrompido, bárbaro e cínico, ignorante e sádico, desumano e grosseiro. Seu lugar não é na Assembleia Constituinte, mas num tribunal do povo respondendo pelos crimes cometidos.

Seu atos contra o povo e contra o país serão expostos publicamente pela imprensa e na tribuna da Constituinte, mostrando a todos que ainda é tempo de fazê-lo seguir o destino dos tiradores do povo e da liberdade. Talvez o sentimentalismo das massas brasileiras não lhe aponte a praça Loreo, mas Getúlio Vargas não pode escapar do tribunal. Seu julgamento se impõe para que as massas brasileiras se eduquem politicamente no terreno da democracia. Um ditador não pode ficar impune "Se não é para ser condenado à prisão ou à morte, para que Getúlio Vargas fica no país?"

HILCAR LEITE

mando-os de inimigos internos concientes ou inconcientes dentro das fileiras do proletariado", "elementos destrutivos" que precisavam "ser eliminados".

PADRÕES DE SALÁRIOS

As negociações em torno dos salários foram por toda parte a salúo primária dos sindicatos. Até o fim dos anos de vinte, também era assim na Rússia, e a tarefa dos sindicatos era reclamar — se não "bater-se por" — salários equitativos. A reorganização completa do movimento sindical em 1929 foi um rompimento decisivo com esta tradição.

Os anos do primeiro Plano Quinquenal (1929-32) caracterizaram-se por uma abrupta queda dos salários reais, visto que a rápida elevação do custo de vida produzida pela inflação, ultrapassou de muito o aumento de salários. Os sindicatos tornaram-se de fato um estorvo à elevação dos salários com o crescente custo de vida. Mesmo entre os diretores de fábrica, que sabiam avaliar com realismo a dependência em que está a produtividade do trabalho do nível de salários reais, muitas vezes havia a tendência a atender às necessidades dos trabalhadores, elevando os salários acima do nível previsto no plano econômico, que praticamente não tomara em consideração a alta inflacionária do custo de vida. Mas qualquer iniciativa destas esbarrava com enérgica resistência dos sindicatos, que lutavam pela "disciplina financeira" em questões de salários, acusando os diretores de "esgotar o fundo de salários, opondo-se às normas de rendimento" (quotas) traçadas pelas organizações industriais (TNB e Agência Tarig e Agência de Normas), e propondo que fossem substituídas por normas mais elevadas, chamadas "normas contrárias" (vstrechnyye normy).

Foi esta a política oficial de salários adotada pelos sindicatos nos primeiros anos de trinta. Em janeiro de 1933, em uma conferência sobre os problemas da política de salários convocada pelo Conselho Central dos Sindicatos, o relator Weinberg, secretário do Conselho Central e encarregado da política de salários, fez com grande ênfase a seguinte declaração:

"Precisamos agir contra os funcionários sindicais que permitem violações da linha do partido em questões de salários, com a mesma severidade com que o Partido age contra os oportunistas nas suas fileiras

que falham em várias frentes da construção socialista."

Sómente depois de 1935, quando a tensão da situação econômica diminuiu, e começou um aumento dos salários reais (que parou tres anos mais tarde), é que os sindicatos se tornaram menos agressivos, embora em principio a sua orientação em questões de salários não mudasse. Esta orientação excluiu qualquer participação positiva dos sindicatos na determinação dos salários.

NEGOCIAÇÕES DE SALÁRIOS

O sistema russo de salários baseia-se principalmente no trabalho por peça, e o preço por peça tem de se adaptar às condições de cada fábrica. Assim, o processo de fixar os salários tem duas etapas na Rússia: primeiro, fixam-se os padrões de salários (geralmente mensais) para vários grupos de empregados em uma indústria em conjunto ou em grupo de massas, e depois fixam-se as quotas de produção para cada tipo de trabalho nas fábricas de per st. Finalmente, o preço das peças é calculado pela divisão do salário mensal (ou semanal) pela quota correspondente. Nos anos de vinte os sindicatos tomavam parte em ambas as fases desse processo, na base de paridade ou representação igual de empregados e empregadores. Nos anos de trinta, perderam a influência em ambas as fases.

Até os primeiros anos da década de trinta, os salários eram fixados por contratos coletivos. Depois da mudança de política sindical, os contratos coletivos se mantiveram a principio, embora com outro significado, como já se viu. No começo de 1933 baixou-se uma ordem geral determinando que os contratos coletivos não podiam mais conter disposições de salvaguarda dos interesses operários além das disposições gerais da legislação trabalhista. Assim, do conteúdo tradicional dos contratos coletivos, só os salários permaneciam.

No fim de 1933, os contratos coletivos não foram renovados. Apenas se prorrogaram por mais um ano os contratos existentes naquele ano. Para 1935, em obediência a decretos especiais do Conselho de Comissários do Povo, assinaram-se contratos coletivos para transportes marítimos e fluviais, comércio, exportação e transporte de madeiras. "Para outros ramos da indústria e da (Do Suplemento de The Call) economia nacional e para as instituições não produtivas, os contratos coletivos não se renovaram mais depois de 1934."

(Continua)

As eleições francesas

(Continuação da pág. 1)

paração entre as cifras das últimas eleições e os resultados dos pleitos anteriores confirma a análise que temos feito sobre as consequências desastrosas da tática vacilante e destituída de perspectivas do Partido Socialista.

O estacionamento dos comunistas nas mesmas posições revela que, em conjunto, as forças populares da nação francesa se opõem a uma vitória desse partido ditatorialista que se orienta notoriamente pelos interesses russos. O instinto político do povo francês procura o rumo de uma ação independente. Mas o Partido Socialista não tem sabido dar expressão a essas preferências, nem no que se refere ao proletariado, nem à pequena burguesia e ao campesinato. Até certo ponto, pode dizer-se que esse partido está vivendo sobretudo da sua tradição, das velhas raízes, ainda sólidas, de que dispõe no seio do proletariado, e das aspirações da pequena burguesia no sentido de um socialismo democrático. Se fosse um partido puramente pequeno burguês, sem programa definido e sem perspectivas, como o radical-socialista, já teria desaparecido, ou estaria reduzido a um pequeno grupo, como este. Mas é o partido proletário democrático tradicional da França, e vive disto. Se tivesse uma direção eficiente, corajosa, ousada e esclarecida, como o socialismo italiano, já teria começado a abalar o bloco comunista. Mas com suas eternas vacilações, ora apoiando estes, à esquerda, ora sustentado o gaullismo e o M. R. P., à direita, acaba descontentando a todos, pois não inspira confiança a ninguém e não consegue existir por si próprio. Essa incapacidade da direção socialista é que vem prolongando a indecisão da França que deseja marchar pelo caminho de uma democracia socialista e só en-

contra para difigi-la, à esquerda, um partido totalitário e manifestamente não-francês, e à direita um partido sem dúvida democrático, mas sem consistência nem teor revolucionário, como o M. R. P.

Seja como for, as tendências manifestadas pelo referendunum que anulou a Constituição eia, imposta pelo bloco socialista-comunista, sob a influencia predominante destes últimos, se confirmaram. A palavra de ordem tão orgulhosamente lançada pelos burocratas stalinistas — "Tnerez ao poder", ou "Por um governo chefiado pelos comunistas" — peraeu inteiramente o sentido. Contra esse perigo é que se voltou abertamente o grosso da nação francesa, especialmente a sua classe média e mesmo parte proletariado, pois é evidente que os grupos da direita estão reduzidos a esqueletos destituídos de apoio popular. Dado o fato dos socialistas não conseguirem refletir essa oposição ao totalitarismo comunista, mantendo ao mesmo tempo as massas dentro do terreno da luta por uma transformação da sociedade, o M. R. P. tem recebido as principais contribuições do deslocamento das massas populares na direção de uma defesa democrática da independência de movimentos da França, em política externa. E tudo indica que, enquanto o Partido Socialista não conseguir desempenhar um papel próprio, a indecisão se manterá, pelo menos até que a direita retome as suas posições, o que acabará acontecendo, na pior das hipóteses.

Numericamente, quem mais perdeu terreno foram os socialistas. Politicamente, porém, no sentido das aspirações que ostentava de assumir o poder, a grande derrota foi dos comunistas. Tudo tende a mostrar que estes últimos não farão mais progressos. M. FAUCONIER

IX.

A TRANSFORMAÇÃO DO PARTIDO

Após entregar-se ao governo à industrialização e à coletivização forçada, voltava-se, assim, como vimos, ao comunismo de guerra. Todos os meios de produção voltavam às mãos do Estado. A política de coletivização forçada de Staline veio, assim, contra a orientação deixada por Lenine. Essa política levava o partido a chocar-se com as massas, a separar-se das massas, a destacar definitivamente os interesses imediatos, quotidianos reais, das massas da população, dos interesses impessoais do Estado.

E em nome de que se sacrificavam esses interesses imediatos das massas? Em nome do socialismo no futuro. Desde a guerra civil a tarefa de distribuir as provisões entre as classes era feita tecnicamente, através do Comissariado de Alimentação, mas na realidade, o fator fundamental dessa distribuição era o próprio P. C. Depois, com a coletivização forçada, quando milhões e milhões de camponeses foram levados para a Sibéria, e a guerra civil tornou a lavar no país, ocorreu, entre 1931 e 1933, uma das maiores crises da Rússia. De novo as provisões passaram a ser apropriadas pelo Estado; toda a vida econômica passou outra vez a ser diretamente regulada pelo mecanismo estatal. Foi necessário, então, comprarem-se os serviços de uma pequena classe privilegiada a quem pudesse ser confiada a tarefa de levar por diante a nova política.

O Partido ainda estava preso de alguma forma à massa operária e camponesa. As suas frações representavam, os diversos interesses sociais em conflito. Tal como era então, com suas forças polarizadas entre a direita e a esquerda, não podia ele, em conjunto, merecer a confiança para a função de controle da produção e distribuição. Houve muitos membros do partido no campo, que se passavam para o lado dos camponeses, na hora em que estes se levantavam em massa contra a coletivização ou eram, também em massa, expulsos de seus lares e deportados.

Nessa época deu-se a primeira purga. A oposição de esquerda foi dizimada, e a de direita também. O núcleo restante de sua direção marchou resolutamente para uma política diliberada — assegurar privilégios, inclusive de ordem capitalista, aos seus membros. Foi então que se aboliu a limitação de salários para os membros do partido. Se, até então, essas limitações eram contornadas por meios indiretos, por meio de verbas e recursos extraordinários, abonos, etc., a limitação de salários, no entanto, permanecia. O nível de vida dos membros do partido passou a elevar-se de ano para ano. O partido em conjunto se aristocratizava, ao mesmo tempo que uma aristocracia operária se forma na base do salário por tarefa, e renasce, no campo, paralelamente, uma camada de camponeses enriquecidos.

Assim, é a própria política econômica preconizada por Staline que impõe necessariamente a transformação do partido, de socialista que era, em partido representativo dos interesses da nova classe burocrática. O partido deixava de representar de fato a vanguarda das massas trabalhadoras, para refletir os interesses da nova classe dominante. O Estado vencia o partido, que passava a incarnar a nova natureza de classe daquele.

A prática do endeuamento dos líderes começou, ao lado da abolição do salário máximo para os membros do partido, e da justificação dos privilégios para os membros dirigentes da burocracia e da indústria, que se elevaram afinal à categoria de uma nova elite social dominante, aforada às suas vantagens, consciada de seus interesses de grupo.

OS PRIVILEGIOS PERMANECEM

Há um processo interessante a observar nesse sentido. Quando começou a NEP Lenine, precisando de técnicos para o desenvolvimento da produção, procurou atrair à Rússia os especialistas estrangeiros. E' preciso, dizia ele, pagar muito bem a esses homens, porque não podemos passar sem eles. Com isso, apenas estamos pagando o preço da nossa ignorância. Eile virão para aqui construir a nossa indústria e nos ensinar, preparar nossos técnicos russos. Enquanto nós não contarmos com uma camada de técnicos formados por nós mesmos, educados para o socialismo, temos que pagar muito bem aos técnicos estrangeiros. Com efeito, técnicos estran-

DISCUSSÃO SISTEMÁTICA SOBRE OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DO SOCIALISMO EM NOSSA ÉPOCA

A Revolução Russa e sua evolução até nossos dias

Damos a seguir o prosseguimento da exposição, coligida de notas taquigráficas, que sobre o tema da Revolução Russa vem fazendo o nosso companheiro Mario Pedrosa, e que começamos a publicar no número 33 de "VANGUARDA SOCIALISTA".

geiros ultra-bem remunerados vieram ajudar na reconstrução econômica do país. Aliás, o mesmo processo se passou com o exército vermelho, quando o governo revolucionário convidou milhares de oficiais czaristas para organizar o novo exército; esses especialistas, politicamente neutros, eram pagos à maneira burguesa, como dizia Lenine.

O tempo e a necessidade, porém, deixaram sobre tudo sua marca inexorável. Assim é que quando o partido passou a defender finalidades que não tinham mais que ver com os interesses das massas e o processo de formação de uma nova camada social privilegiada estava dianteado, se constituía, pari passu, uma geração nova de técnicos já saídos da fornalha da revolução. Os novos especialistas eram dessa vez russos, vinham das fileiras do partido e da juventude. E foram, naturalmente, guindados aos postos dirigentes do Estado e da produção. Foi nas escolas e institutos técnicos criados pelo novo regime que se educaram, mas a educação que receberam, contrariamente às esperanças de Lenine, não eram mais propriamente socialistas, ou pelo menos socialistas conforme o velho conceito marxista ocidental, revolucionário e igualitário.

Diferentemente das primeiras camadas revolucionárias, eles passaram a ser pagos, "à moda burguesa", na expressão de Lenine, não eram mais propriamente socialistas, ou pelo menos socialistas conforme o velho conceito marxista ocidental, revolucionário e igualitário.

A remuneração à nova maneira "proletária", conforme a expressão da primeira Oposição Operária (aquela fração que surgiu dentro do partido em pleno comunismo de guerra e de que já falamos aqui), isto é, na base de um salário máximo, que não podia ser acima do salário médio de um operário qualificado, e sob "o controle dos órgãos de massa", foi relegada aos arquivos das reminiscências históricas como romantismo revolucionário.

Assim, a nova camada de técnicos guardou os privilégios concedidos, a título de exceção, aos especialistas burgueses contratados no estrangeiro, na sua maioria indiferentes ou hostis à ideologia ou preocupações socialistas, e a quem a revolução se via forçada a pagar extraordinariamente bem, em meio à miséria geral da população, porque não dispunha de prata de casa.

Os especialistas estrangeiros, se eram muito bem pagos, não tinham porém o menor direito político, nem a menor responsabilidade sobre a orientação geral do Estado e da economia. Eram limitados às suas funções de especialistas, e não havia nenhuma identificação entre eles e as responsabilidades pela política social e econômica do governo. Os novos técnicos, formados sob os auspícios do governo russo e retribuídos à maneira capitalista, burguesa, como os técnicos especializados são por toda parte, não eram destituídos dos direitos políticos. Ao contrário, como vimos, os direitos políticos especiais do proletariado é que foram abolidos e iguados aos dos demais grupos sociais. Estabelecia-se, assim, pela primeira vez, uma relação direta de identidade entre a posição social altamente privilegiada, a riqueza pessoal, e a influência política sobre o aparelho burocrático do Estado.

CONCIÊNCIA DE CLASSE...

O partido toma consciência de que é, socialmente, uma casta privilegiada. No próprio processo de produção, sente-se a influência dessa consciência aristocrática que quer, a todo pano, se diferenciar do resto do "povo". Indústrias novas de luxo nascem em meio à mais completa carência das cousas e objetos mais comestinhos de uso diário da população. Falta sabão de lavar roupa, mas brota uma indústria de perfumes e de artigos finos de toilette para se-

nhoras das altas camadas. Há marcas de perfume "S-alin", há marcas de rouge, etc. São sintomas esses de uma produção social de classe; na organização geral dos planos industriais sente-se que pela primeira vez pesam certas influências domésticas — que vêm do seio da família, das camadas mais altas e já com bastante folga e recursos monetários para pretendem "luxar", se destacam do "vulgo", da população. Abrem-se lojas especiais, de luxo, onde só se abastece as famílias da nova aristocracia burocrática. O código civil se reforma, para reforçar e tornar mais fechado e mais rígido o próprio código de família, que se assemelha ao da família capitalista burguesa. Nesse sentido a última reforma da lei sobre heranças e a liberdade absoluta de testar que se reintroduz, vieram completar esse processo de aburguesamento completo da família soviética.

A consciência social de casta desabrochada sem obstáculos e sem receio até ao puro snobismo, até aos mais ostentivos preconceitos que florescem no meio da chamada "alta sociedade" dos países burgueses capitalistas. Vê-se, por exemplo, uma respeitável dama dessa alta camada pertencente aos toques dirigentes do partido, em conversa com uma amiga num salão de chá, muito bem posto e chique, dizer, sob o olhar de aprovação de outras, que não pode de modo algum consentir que sua filha se case com um bom rapaz, e competente, mas que, infelizmente, não é membro do partido nem pertence a uma família de membros do partido, etc., etc. Lamentáveis "dramas" domésticos como esses são, tão numerosos como os que vemos na nossa alta sociedade de snobs e aristocratas.

Enquanto esse espírito aristocrático e de classe se desenvolve nas mais altas camadas burocráticas, em baixo, na massa, o processo é inverso: a apatia social, a indeferência ou a impotência política, e o sentimento generalizado de inferioridade social.

Como já por várias vezes nos referimos, as massas proletárias perderam qualquer possibilidade de controle organizado. Seus órgãos de controle foram abolidos ou transformados, sejam soviéticos, cooperativas, associações ou sindicatos. Já em 1929, o Conselho dos Sindicatos assim definia a função destes: "Ajudar os operários a melhorar suas habilidades técnicas, a estimular a competição socialista e a verificar que os operários não obtenham mais benefícios do que têm direito em questões de indenização por doença ou acidente". Assim, essa "competição socialista" que se estabeleceu nas fábricas, indústrias, oficinas, visa, sobretudo, intensificar o rendimento do trabalho, pela redução do custo produtivo e aumento de produtividade. E para isso criou-se todo um sistema de premios e estímulos tais como bandeiras com inscrições, citações em ordens do dia, quadros de honra, passeios e até aconos. Dir-se-ia, por vezes, esse sistema de emulação que se institui nos ginásios entre alunos.

Na verdade, sob essa floresta de símbolos e emulações, restauravam-se relações puramente capitalistas no sistema de remuneração do trabalho operário na Rússia, isto é, na base do trabalho por tarefa; deu-se assim a volta ao regime do saarato tal como se instituiu no início do modo capitalista de produção quando ainda não havia praucaemente movimento operário organizado, quando o proletariado mal começou a consustiar as suas primeiras organizações de resistência.

Naturalmente, essa analogia histórica precisa ser tomada em no plano histórico: numa época de decadência capitalista, de revolução proletária ou capitalismo de Estado. No início do capitalismo, o capitalista era um proprietário individual; na sua última etapa — o capitalista ou é uma grande corporação quase pública, uma sociedade anônima, ou o próprio Estado, como na Rússia. E nesse

fato é que está toda a diferença entre as duas épocas históricas: na primeira, os operários ainda não estão organizados; na última, os operários já não são mais organizados por si mesmos: o Estado os organiza e prevê para eles; e de preferência sem a participação deles.

O SOCIALISMO DE DESIGUALDADE

O partido, socialmente falando, viu-se transformado num partido de Estado, deixando de ser o partido da classe operária. A Rússia passou a ser definida como uma sociedade "socialista", na qual todos recebem conforme sua própria capacidade. De acordo com essa definição, o socialismo foi caracterizado por uma filosofia social justificadora da desigualdade no campo econômico e social.

Políticos, burocratas, teóricos e propagandistas entraram a defender, como a primeira das virtudes sociais, a ambição individual, a iniciativa, a energia, o incentivo individual para subir na escala social. A desigualdade de nas condições materiais transformou-se numa prova da superioridade de uns sobre os outros, a confirmação do valor pessoal de cada um, e portanto a verificação do lema essencial do "novo" socialismo, — a cada um, conforme sua capacidade. Na Rússia de hoje quando se fala em igualdade, quando se reclama — se é que se reclama — (a massa operária o reclama surdamente, e o ódio ao stakhanovismo é um sinal disso) por menos desigualdade ou mais igualdade, chama-se a isso de esquerdismo pequeno-burguês.

DE CASTA A CLASSE

A burocracia contra a qual Lenine queria lutar pelo processo de eficiência econômica, de desenvolvimento econômico e técnico e pelo controle das massas, não é mais aquele mesmo agrupamento amorfo e neutro que era ao sair da guerra civil e ao instituir-se a NEP. Agora a burocracia passa a dirigir a produção russa, a controlar o Estado e a defender seus privilégios criados ao longo dos anos. A burocracia se classiciza. Na base de que? Precisamente dessa extrema centralização do aparelho econômico e do fato de o Estado passar a possuir todos os meios de produção. Era o ensino de Lenine, como sabemos, que essa centralização completa nas mãos do Estado levaria ao suicídio, seria uma "loucura". Foi realmente o suicídio da revolução proletária, do comunismo, mas não o do Estado suruído da revolução. Não foi tãoobouco uma loucura porou a estatização absoluta se deu em benefício de uma nova camada social. Sem dúvida o velho partido se suicidava, mas para que outro nascesse em seu lugar. — o partido do Estado totalitário.

Por cima das ideologias, contra a vontade dos homens, a tarefa histórica consistia em fazer com que o processo de cristalização de uma nova camada social se identificasse com o processo da industrialização do país. Tratava-se de dar como que uma finalidade humana e social imediata a essa industrialização até então abstrata, como se fora fruto de engenheiros da lua. Algúem, algum grupo social haveria de se beneficiar especialmente com ela.

O processo histórico assim se reduz: durante a guerra civil o proletariado que fez a revolução sumiu na tormenta. Veio uma época de transição em que o Estado balançou entre as classes, e começou, na realidade, a representar os interesses do campesinato. Nessa época, a ala esquerda do partido, que representava os interesses do proletariado, ao tentar reagir para restaurar o poder da classe operária, foi liquidada. O campesinato, porém, não saiu ganhando, porque o próprio processo de industrialização e coletivização liquidou também os representantes por assim dizer desse campesinato dentro do partido — a oposição de direita. As forças produtivas se canalizaram para um novo regime econômico, isto

é, para um capitalismo de Estado baseado na luta de classes como todo capitalismo, de Estado ou privado.

Sob a direção de conselhos de burocratas e diretores de fábricas, desenvolveu-se um capitalismo de Estado sem nenhum controle de massas, sem o menor controle por baixo. Quer dizer que aquilo que Lenine dava como garantia para impedir que o capitalismo de Estado tomasse uma forma totalitária, isto é, se cristalizasse em capitalismo, pura e simplesmente, não se desenvolvendo em socialismo, e era o controle por baixo, o próprio controle das massas através dos sindicatos, os soviets, as células de partido, etc., fracassou. E com esse fracasso o que se deu foi precisamente aquilo que Lenine reputava impossível, que ele assegurava não haver perigo de se dar — o desenvolvimento do capitalismo de Estado, com essa forma totalitária que tomou, com a liquidação dos quadros proletários do Estado e do partido.

Como foi possível dar-se esse processo assim em branca nuvem? Em primeiro lugar, não foi em branca nuvem, foi à custa de verdadeira guerra civil. Segundo, a industrialização se fez com o emprego de massas camponesas. Basta dizer-se (e isso é dado pela propaganda como um grande sinal de progresso socialista) que ao cabo do processo industrializador a população das cidades, que em 1929 era de 27.900.000, passava em 1939 a 55.900.000. Ora, esse aumento de população na base da industrialização significa um crescimento do proletariado. Mas de onde veio esse proletariado? Do campesinato. Veio arrancado do campo, trazido às pressas para as cidades e sem nenhuma experiência política. Foi graças a esse proletariado primário que o partido se separou da classe operária, transformou-se no órgão de uma nova classe dirigente na Rússia, como o partido nazista na Alemanha.

Esse processo de industrialização é todo no mesmo sentido. A rapidez do processo mostra precisamente esse caráter anti-proletário, anti-socialista profundo. Os comunistas cantam esse grande aumento de população das classes como uma marcha para o socialismo. Na realidade, não o foi. As novas camadas que vieram para as cidades, compostas de camponeses sem ideologia, movidos apenas pelo estômago e porque não tinham outra cousa a fazer, afogaram na sua avalanche os elementos das velhas camadas operárias da revolução que ainda restavam no partido.

Essas novas camadas que vieram para as cidades não vieram para construir o socialismo mas para construir a industrialização, já realizada pela burguesia nos grandes países capitalistas. Com esse desenvolvimento industrial, a juventude camponesa abriu-se uma nova perspectiva na escala social. Por isso mesmo, ela aderiu em cheio, independente de qualquer preocupação ideológica, à política da industrialização. Com efeito, essa política abria um futuro diante deles, bastando que se educassem tecnicamente. Este foi o outro fator de nacionalização do Estado soviético e de

perda de seu caráter socialista. As novas gerações que se formaram numa base puramente nacional foram educadas dentro dessa nova ideologia: para elas, o socialismo consiste precisamente na industrialização intensiva, na boa remuneração dos serviços dos mais capazes, e no oder crescente do noco Estado russo. Dá-se aqui um fenômeno psemelhante ao dia "marcha para o oeste", do desenvolvimento capitalista nos Estados Unidos, quando os jovens de toda parte do mundo vinham conquistar o novo mundo, animados de uma energia e de um otimismo formidáveis, mas em pleno individualismo capitalista.

Outro sinal desse processo de transformação social em que uma classe, dotada de consciência social e política, é substituída pela massa amorfa sobre a qual se eleva uma nova superestrutura, é que até o primeiro plano quinquenal 90% da produção industrial na Rússia provinham da velha parte européia — Moscou, Leningrado, Ucrânia — isto é, da região onde havia um proletariado educado nas condições do marxismo e da revolução. Em 1938 essa proporção já se reduzia a 60%, porque a nova industrialização foi penetrando de Rússia a dentro em base dos Urais, numa preocupação de defesa contra uma possível guerra estrangeira. Essa construção industrial nas regiões mais longinquis não se fez com operários concientes e organizados nas velhas cidades, os que passaram pela escola da revolução de outubro, mas com camadas de camponeses que viviam nas regiões mais atrasadas, ou mal saídas das suas aldeias. Deu-se uma imigração social; novos centros industriais surgiram onde antes não havia senão um arraial ou o deserto. O novo proletariado nascido com essa nova vida industrial e urbana era politicamente uma simples matéria prima incapaz de controlar qualquer cousa.

Como já vimos, o processo de diferenciação dos salários foi-se acentuando constantemente. Em 1935 o operário industrial médio recebia 213 rublos por mês, o trabalhador de escritório recebia 319, o maquinista 540, o engenheiro mecânico 1744, enquanto as camadas mais baixas, como os mensageiros, serventes, etc., tinham uma média de 89 rublos. Em 1940 o trabalhador industrial recebia 335 rublos. As diferenças em compensação cresceram em vez de diminuir.

RETIFICAÇÃO

Como saíu inteiramente truncado e sem sentido a parte final do último paragrafo da parte VIII de "A Revolução Russa e sua Evolução até Nossos Dias", publicada no número 40 de "Vanguarda Socialista", tornamos a publicá-lo aqui para compreensão dos leitores.

"Essa nova política liquidou a NEP, e superou o primeiro comunismo de guerra, mas já não mais numa base de economia natural, impostos em espécies, etc. Ao contrário, o papel do dinheiro, relações monetárias puramente capitalistas passaram a dominar, para controle da produtividade das empresas e dos salários dos operários."

A frente dos oprimidos

Reaparece, na legalidade "L' Insurgé", periódico publicado em Lyon por um grupo de ex-membros do PSOP (Partido Socialista Operário e Camponês). L'Insurgé foi um dos primeiros jornais da resistência francesa durante a ocupação alemã e um dos mais corajosos órgãos de difusão do pensamento revolucionário independente na França. O artigo de fundo do primeiro número contém, entre outras, as seguintes declarações: Hoje, todos pretendem falar em nome do socialismo e da revolução, mas quase todos continuam a agir exatamente como o faziam os velhos políticos de ontem. Queremos deixar bem claro que esta comédia já se prolongou demais... aqueles que continuam presos às velhas concepções ossificadas de fronteiras nacionais, alianças, blocos rivais de potências, anexações, impérios coloniais, migrações forçadas de populações inteiras, ocupação de territórios, não têm direito de se dizer revolucionários.

"Esta política de força e de prestígio, de equilíbrio de poder e de dominação dos chamados

povos inferiores é a velha política de Bismarck e de Pitt, de Napoleão, Poincaré e Hitler... quem ousará afirmar que os interesses do lavrador ucraniano não são convergentes com os do camponês francês ou holandês?

"Que é que os separa na verdade? E os metalúrgicos de Essen, de Boulogne e de Milião — são eles incapazes de organizar um mundo sem ódio e sem concorrência? Nesse caso, quem poderia conseguir isso?"

"Sempre houve confraternização de classe, desde os dias em que Thiers e Bismarck confraternizaram contra a Comuna de Paris, em que Foch e Hindenburg confraternizaram contra o grupo Spartaco até o dia em que Vicker e Wendel confraternizaram com Hitler... e por que seriam os operários os únicos que não têm o direito de confraternizar?"

"Hoje, vamos tentar usar a mesma linguagem socialista internacionalista e revolucionária, de Varsovia a Barcelona e da Argélia a Oslo... somos a terceira frente das vítimas, a frente dos oprimidos..."

Assina "VANGUARDA SOCIALISTA" O jornal do proletariado

OS PROBLEMAS LIGADOS à participação operária nos lucros

Mostram-se os operários muito interessados na questão da participação nos lucros das empresas. O interesse foi despertado pela resolução aprovada a respeito pelo Congresso Sindical de Juiz de Fora, no qual o MOSC teve tão destacado papel, crescendo extraordinariamente com o fato de ter sido aprovada tal questão pela Comissão Constitucional. Na discussão dessa matéria, o representante do P. C. B., Caires de Brito, propôs uma emenda para que fosse assegurada aos operários e empregados "igualmente participação na direção" das empresas. E bom frisar que, no Congresso de Juiz de Fora, os comunistas se colocaram em oposição à fórmula do MOSC que reivindicava a "participação na administração da empresa, com um representante do Ministério do Trabalho" para derimir as dúvidas entre as duas partes. Verifica-se assim que o P. C. B. modificou assim a sua posição, mas exigindo a "participação na direção", numa demonstração de radicalismo cretino, jogou todos os demais representantes, evitando assim que o princípio da participação operária na vida da empresa fosse inscrito na Constituição.

Não vamos aqui discutir essas duas fórmulas, porque a aplicação da participação operária nos lucros e na vida da empresa seja na administração ou na direção, está muito condicionada à relação de forças entre proletariado e burguesia. É evidente que um forte movimento sindical, a par de um poderoso partido socialista, é fundamental para a aplicação concreta e consequente do direito aprovado pela Comissão Constitucional.

A questão da participação operária nos lucros não está liquidada com o voto da Comissão Constitucional. Depois de longos debates, ficou resolvido que uma lei ordinária tratará da questão detalhadamente. A discussão dessa antiga reivindicação do movimento operário veio colocar em ordem do dia o problema do controle operário da produção que se mostra de necessidade premente. O interessante é acentuar que esta questão, que antigamente poderia determinar prisões e torturas, surgiu naturalmente num Congresso Sindical, e por iniciativa dos católicos.

Eis porque despertou a resolução da Comissão Constitucional grande interesse no seio da classe operária. Evidentemente, que sem participação operária na administração ou direção, a

participação nos lucros tornar-se-á uma comédia. O argumento de que a fiscalização do Estado não permite fraude na escrita é falsa e improcedente, pois todos os dias as autoridades do Ministério da Fazenda gritam contra a fraude, que reduz o imposto sobre a renda e outros.

A fórmula apresentada por Cirilo Junior, subordinando a participação ao tempo de serviço e à frequência ao trabalho, é extremamente perigosa, porque permite todas as manobras do capitalismo para destruir de fato qualquer participação operária nos lucros. Entretanto, a pior fórmula é incontestavelmente a que determinava que a participação nos lucros poderá ser "direta ou mediante reserva especialmente formada para este fim".

Analisando-se todas as fórmulas apresentadas para a determinação dos lucros, temos de convir que a do MOSC, no Congresso de Juiz de Fora, era a mais clara e a que melhor defende os interesses operários e impede as manobras capitalistas deduzindo os salários justos e 5% de juros ao capital empregado, a participação abrange todos os lucros restantes. É do ponto de vista técnico uma fórmula justa. Por isso mesmo, é que se deve lutar para que o Parlamento a transforme em lei e sirva de guia às ações dos sindicatos a esse respeito.

Democracia e Revolução

A DOCTRINA DO PARTIDO SOCIALISTA — FRANCÊS — GUY MOLLET

As recentes resoluções adotadas pelo Partido Socialista em suas conferências de Secretário Federais recebidas tanto pela imprensa francesa como pela estrangeira, com comentários às vezes melévolos e às vezes matizados le uma piedade condescendente para com esse partido "dividido e ameaçado dentro de seu próprio seio".

Como me fizeram a honra, por outro lado muito imerecida, de me apresentar como oposicionista a meu camarada Leon Blum, satisfaz-me contes tar nas primeiras linhas deste artigo: A unidade do Partido Socialista na França é mais sólida que nunca, e inclusive os ataques que se dirigem contra este ou aquele de seus militantes não tem outro resultado que soldar ainda mais a equipe que constituem aqueles que o partido escolheu para representá-lo. Não se trata, pois, de uma possível cisão nem tão pouco de divisão de "tendências" organizadas em redor de tal ou qual militante e sim de que o partido Socialista autoriza e fomenta em seu seio o desenvolvimento de todas as opiniões e de todas as correntes do pensamento.

Seja-me permitido, antes de abordar aqueles pontos nos quais se manifestaram estas diferenças recordar todos os demais em que o Partido unânime, aprovou a tese desenvolvida por Leon Blum e aceitou o texto mesmo da declaração redigido por sua mão.

Em seu célebre discurso de 12 de agosto de 1945, Leon Blum dizia: "Creio que a transformação social não é em si mesma uma meta final e sim o meio, a condição precisa para transformação humana. Quando falo da transformação da condição humana, quero dizer que o objetivo revolucionário não é unicamente libertar o homem da exploração econômica e social e de todas as servidões acessórias e secundárias que esta exploração determina, e sim que consista também em assegurar-lhe, dentro da sociedade coletiva, a plenitude de seus direitos fundamentais e a plenitude de sua vocação pessoal. Creio que o objetivo revolucionário é estabelecer uma harmonia entre duas unidades sociais, a pessoa e esse todo social que terá de ser a sociedade coletiva".

criança, em uma sociedade baseada na legalidade e na fraternidade, livre exercício de seus direitos e de suas faculdades naturais."

Quais são, pois, estas divergências essenciais que, segundo dizem seus detratores, teriam cortado em dois o Partido Socialista e ameaçam sua coesão? Eis-las aqui resumidas brevemente: Voltaram a tomar nos antigos estatutos a expressão que figura neles desde o começo: "o Partido Socialista é um partido de luta de classe"; além do mais, o antigo primeiro artigo, que nos projetos propostos ficara sumido, foi restabelecido; e, enfim, o Conselho Nacional, que existia antes da guerra e tinha desaparecido desde a Libertação, foi criado novamente. Qual é, pois, a oposição em relação aos dois primeiros pontos? Acaso Leon Blum propôs que o Partido Socialista não seja considerado daqui por diante como um partido de luta de classe e como um partido revolucionário? Vamos dar-lhe a palavra, voltando a citar seu discurso de 12 de agosto: "Aceitamos em toda sua integridade a análise da sociedade capitalista de Marx, aceitamos em sua integridade sua teoria do valor e sua teoria do lucro aceitamos-las sem a menor reserva. Mas há 15 anos que não cesso de sustentar que uma fórmula de Marx, que é a da "ação de classe", o que chamamos "luta de classes" é uma expressão demasiado sumária, é uma combinação de conceito "ação de classe" e do conceito "antagonismo de classes" que tem outro sentido e um alcance completamente diferente". E mais adiante acrescenta: "No que se refere a mim, não uma vez, dez vezes, vinte vezes," repeti por todas as formas, na tribuna e nos artigos, que não conheço duas espécies de socialismo, um deles revolucionário e o outro não. Só há um socialismo, e este socialismo, por si mesmo e por essência, é revolucionário".

Agora bem, que diz o texto aprovado por unanimidade na última reunião do Partido Socialista? "A finalidade do Partido Socialista é liberar o ser humano de todas as servidões que o oprimem e, por conseguinte, assegurar ao homem, à mulher, à

Então por que uma parte dos militantes, entre os quais estava eu, insistiu em que se voltasse a adotar o texto primitivo e não aceitasse as modificações e as supressões que sugeria Leon Blum? Simplesmente porque grande número dos adversários do socialismo se baseavam nestas supressões ou modificações para deduzir que o Partido Socialista renunciava à sua tradição e que se convertia em reformista ou revisionista; em uma palavra: que havia deixado de ser revolucionário.

Precisamente quando Leon Blum condenava em seu discurso toda tendência para reverter ou fazer desviar o pensamento tradicional do Partido, certos detratores se aproveitavam de suas propostas para tirar delas conclusões incertas e basta ver hoje a reação e desgosto da imprensa reacionária para compreender quão justificados estavam os temores dos militantes e para confirmá-los em sua convicção de que tinham tido razão em impedir que continuasse por mais tempo toda a falsa interpretação da posição real do Partido.

Quando ao restabelecimento do Conselho Nacional, foi decidido por unanimidade, e com a finalidade, simplesmente, de dar ao Partido uma estrutura mais democrática, assegurar um contacto mais estreito entre os militantes das federações e seus eleitos e de associar todos os socialistas do país às discussões necessárias quando se toma uma resolução importante.

Eis aqui, resumida, as conclusões dos debates. A unidade do partido sai deles reforçada enquanto seu espírito revolucionário e sua adesão à causa democrática ficam mais afiançados que nunca.

Uma página de Jean Jaurès

UMA PAGINA DE JEAN JAURÈS

Até agora, as civilizações mais esplendorosas têm sido como flores que desabrocham sobre um fundo de miséria e de servidão. A beleza helênica, o gênio de Fídias, a elegância soberana do Partenon, a música divina dos dialogos de Platão, o prodigioso brilho do pensamento de Aristóteles resplandecendo sobre todas as cousas da natureza e do homem, a democracia de Atenas deliberando no Agora sob o azul do céu atico... espetáculo admirável que tinha por fundamento e base obscura a servidão dos estrangeiros explorados e a miséria nua dos escravos.

Pois bem: é preciso acabar com essas inquietudes da história, é preciso acabar com estas civilizações de aparência e de falso brilho. Queremos que a massa se levante, queremos que a igualdade penetre na vida dos homens para que não sejam irmãos só em nome, iguais só em palavras, mas sejam verdadeiramente associados na vida humana, no trabalho, no hábito de pensar, na alegria do coração, na nobreza da alma e na extensão dos horizontes de justiça, de luz e de esperança.

Depois é o grande sol cristão que passa sobre a terra; é uma nuvem de ouro que se reflete sobre o lago de Galiléia; uma sublime esperança de fraternidade que atravessa o coração dos homens. Mas, enquanto os primeiros triunfos da nova doutrina iam abrindo caminho, as misérias proletárias continuavam. O Império Romano, que transmitiu à Igreja mesma suas conquistas, se apóia sobre a servidão dos escravos. Os servos se inclinam sobre a gleba, à beira das estradas que conduzem os fiéis à igreja fraternal. Os servos também assistiam ao mesmo ofício divino em que se proclamava a beleza e se rendia adoração a um deus de fraternidade e de docura. Mas os patricios acreditavam que bastava a igualdade na ordem sobrenatural, esquecendo-se de realizá-la na vida.

Esta é a obra civilizadora do socialismo. E ao mesmo tempo que este quer que uma sociedade de homens iguais substitua a sociedade de antigamente que põe em choque indivíduos contra indivíduos e classes contra classes, quer que a barbárie da guerra e da paz armada cesse para as nações e que todos os tesouros e riquezas de ouro e de pensamentos desperdiçados pela humanidade nessas brutalidades se consagrem a fecundar a vida.

A Revolução veio e disse: liberdade para os homens, direitos iguais para todos os homens; e também acreditou que bastava a liberdade para realizar a justiça. Mas as forças econômicas trabalham, acumulando nas mãos de uns a riqueza e a força e amontoando sobre outros a servidão e a miséria.

Esse ideal de paz, de justiça, de humanidade e de trabalho associado, organizado e fecundo é o que o socialismo põe na alma das multidões. Estas impelidas a história, e realizarão o ideal. E os homens e os reconhecidos, pela primeira vez alcançaram a humanidade. Hoje temos em nós mesmos, junto com as belezas do pensamento, os impulsos do instinto selvagem; só encontramos alegria quando possumos e gozamos o que falta a outros. Temos de nos libertar desta carga horrenda, destes restos de instinto grosseiro e de animalidade. Temos de estabelecer a humanidade livre e pensante, uma humanidade que tenha consciência, vontade e coração! —

MURILLO

A LUTA PELA UNIDADE operária panamericana

Em setembro de 1944, a Convenção anual da Federação Americana do Trabalho (AFL) realizada em Nova Orleans, resolveu convocar as organizações operárias do Continente para celebrar um Congresso de unidade operária pan-americana.

Desde então vêm se desenvolvendo discussões a este respeito. O fato de a Confederação dos Trabalhadores da América Latina, sob a direção de Lombardo Toledano e influência dos comunistas, se o por decididamente a esse congresso de nunciando-o como uma tentativa de subordinação do movimento operário latino-americano ao imperialismo lanqui. Por seu lado, a F.A.T., defendendo-se afirma que o congresso não visa outro objetivo senão o de libertar os trabalhadores continentais da influência da C.T.A.L. e dos comunistas que não passam de agentes do Estado Russo.

Contra a C.T.A.L. sob os influxos da F.A.T. age a Confederação Operária Pan-Americana (COPA), que já conta com as seguintes filiações: Federação Americana do Trabalho; Confederação Regional Operária Mexicana; União Operária e Federação Regional de Trabalhadores ambas de El Salvador; Sociedade de Artesãos "El Progreso" de Honduras; Federação de Operários de Nicaragua; Confederação Dominicana do Trabalho, Centro Internacional Operário, Confederação de Artesãos "União Universal" Assembléia de Sociedades Unidas, todas três do Peru; Confederação Operária Equatoriana; Federação Operária e Federação Operária Ocidental, ambas de Guatemala; Departamento Departamental de Bolívar, da Colômbia; Federação Operária do Panamá; União Operária Venezuelana, Sociedade Tipográfica de Valparaiso, no Chile; Irmandade Ferroviária e Federação Cubana do Trabalho, ambas de Cuba; e a Federação Livre dos Trabalhadores de Porto Rico.

nada ao PCB. Os sindicatos do Brasil, devido à proibição legal de manter ligações internacionais, muito dificilmente participaram em bloco e realmente em qualquer dessas duas entidades continentais, a não ser que, conquistada a autonomia sindical, possam eles decidir sem interferência do Estado esta questão das relações internacionais.

A velha F.A.T., que parecia ir desaparecer pelos golpes do Congresso das Organizações Industriais (CIO), vem revelando nestes últimos tempos uma vitalidade extraordinária tendo iniciado uma aspera luta contra o CIO para a conquista dos operários do Sul dos Estados Unidos. Não se deve esquecer também que o velho líder da F.A.T., William Green, tão combatido outrora por todos, levantou-se com uma energia extraordinária contra a legislação de controle das greves solicitada por Truman, que permite ao governo convocar para o Exército os trabalhadores grevistas. Green denunciou tais medidas como destruidoras do trabalho livre, instituindo em seu lugar o trabalho compulsório, sendo portanto medida anti-democrática, essencialmente totalitária.

A questão da unidade operária pan-americana depende numa larga medida da participação dos movimentos sindicais do Canadá e do Brasil, que até hoje se conservam, em conjunto, afastados da pendência entre a C.T.A.L. e a COPA. A primeira não passa hoje duma agência soviética, dada a sua conquista pelo comunistas encontrando por isso mesmo maior resistência por parte dos movimentos sindicais de vários países do Continente. A COPA vem se revelando com pouco dinamismo na ação da F.A.T. é que poderia dar-lhe de fato uma existência real. Mas, na verdade, existe contra os dirigentes da F.A.T. inúmeras prevenções, dada a expansão da propaganda comunista contra os mesmos.

Mas o fato de David Mac Donald, do CIO, Edward J. Brown, da F.A.T., e F.C. Phillips, das poderosas Fraternidades Ferroviárias dos Estados Unidos, saírem em missão de fraternidade e entendimento pelos países latino-americanos, parece mostrar que as entidades norte-americanas estão dispostas a por de lado as suas divergências e agirem unidas para evitar a hegemonia dos agentes soviéticos nos movimentos sindicais latino-americanos. É inevitável que líderes norte-americanos temem ficar isolados no Continente.

ria pan-americana se complicam ainda mais porque a própria F.A.T. ainda não esclareceu devidamente a sua posição em relação aos países latino-americanos semi-colônias dos Estados Unidos.

Contra a C.T.A.L. sob os influxos da F.A.T. age a Confederação Operária Pan-Americana (COPA), que já conta com as seguintes filiações: Federação Americana do Trabalho; Confederação Regional Operária Mexicana; União Operária e Federação Regional de Trabalhadores ambas de El Salvador; Sociedade de Artesãos "El Progreso" de Honduras; Federação de Operários de Nicaragua; Confederação Dominicana do Trabalho, Centro Internacional Operário, Confederação de Artesãos "União Universal" Assembléia de Sociedades Unidas, todas três do Peru; Confederação Operária Equatoriana; Federação Operária e Federação Operária Ocidental, ambas de Guatemala; Departamento Departamental de Bolívar, da Colômbia; Federação Operária do Panamá; União Operária Venezuelana, Sociedade Tipográfica de Valparaiso, no Chile; Irmandade Ferroviária e Federação Cubana do Trabalho, ambas de Cuba; e a Federação Livre dos Trabalhadores de Porto Rico.

Contra a C.T.A.L. sob os influxos da F.A.T. age a Confederação Operária Pan-Americana (COPA), que já conta com as seguintes filiações: Federação Americana do Trabalho; Confederação Regional Operária Mexicana; União Operária e Federação Regional de Trabalhadores ambas de El Salvador; Sociedade de Artesãos "El Progreso" de Honduras; Federação de Operários de Nicaragua; Confederação Dominicana do Trabalho, Centro Internacional Operário, Confederação de Artesãos "União Universal" Assembléia de Sociedades Unidas, todas três do Peru; Confederação Operária Equatoriana; Federação Operária e Federação Operária Ocidental, ambas de Guatemala; Departamento Departamental de Bolívar, da Colômbia; Federação Operária do Panamá; União Operária Venezuelana, Sociedade Tipográfica de Valparaiso, no Chile; Irmandade Ferroviária e Federação Cubana do Trabalho, ambas de Cuba; e a Federação Livre dos Trabalhadores de Porto Rico.

A F.A.T., no Congresso Mundial de Paris, tomou uma posição bem clara a respeito dos sindicatos livres, e rejeita qualquer relação com os sindicatos russos, que considera subordinados inteiramente ao Estado Russo. A F.A.T. recusa participar da C.T.A.L. por reconhecer nesta entidade tendências totalitárias.

As disputas entre a COPA e a C.T.A.L. tornaram-se mais aceras a partir duma reunião entre líderes sindicais cubanos e da F.A.T., tendo os comunistas de Cuba e do resto da América desencadeado uma grande ofensiva contra a F.A.T., a COPA e seus líderes.

A luta entre as duas organizações começa a atingir todo o movimento sindical do Continente. Cedo ou tarde, os sindicatos das Américas terão de opinar a respeito das disputas e, por isso, achamos conveniente iniciar uma série de artigos para que os nossos companheiros e leitores fiquem a par de toda a questão.

LIANO.

A falta de energia do Governo com os reis da batota

Causa estranheza a todos que acompanham as questões referentes aos empregados em casimiro a falta de energia do Ministério do Trabalho em obrigar as empresas a cumprirem o decreto-lei ordenando-lhes indenizar os empregados. Os capitalistas que encheram com os milhões do jogo riram da lei, não indenizaram os empregados e o governo tão rápido em impora sua energia reacionária aos trabalhadores e aos sindicatos apertados, permanece de braços cruzados, consentindo, sem nenhuma reação, que as empresas desrespeitem a lei, o que vem provar que o referido decreto-lei não passou de pura mistificação.

Agora, para remediar atuação dos empregados, o Governo pensa em criar um fundo de amparo, retirando para tal um milhão de cruzeiros dos depósitos do Imposto Sindical. O que revolta a todos é que os fundos do Imposto sindical, de aplicação especial, sejam desviados porque o Governo não quer impor aos reis da batota o cumprimento das leis.

VANGUARDA SOCIALISTA, em sua página sindical publicará qualquer denúncia que os operários enviarem sobre os aspectos da vida dos trabalhadores.

Correspondência deve ser dirigida a **VANGUARDA SOCIALISTA**, Avenida Aparício Borges, 207, sala 302 — Rio de Janeiro — Brasil.

Assina! **"VANGUARDA SOCIALISTA"** O jornal do proletariado

NA ALEMANHA OCUPADA

Em uma reunião de líderes regionais do Partido Social-Democrata alemão em Frankfurt, um veterano da luta subterrânea, depois de chamar a atenção para o fato de que os social-democratas tinham fornecido um contingente de muitos milhares de martires às prisões e campos de concentração de Hitler, declarou: "Como se podia exigir que os social-democratas derrubassem Hitler, quando foi preciso o poderio das Nações Unidas para alcançar esse objetivo? Os social-democratas estão prontos para assumir a sua parte da culpa. Que outros façam o mesmo."

que não tinha a culpa. Se hoje os social-democratas ficarem por toda parte considerados corresponsáveis, pode acontecer que o partido... seja levado a retirar a colaboração..."

O Governo Militar norte-americano imediatamente respondeu a estas declarações com uma proclamação do General Lucius D. Clay, prevenindo aos social-democratas que não se tolerariam críticas à política aliada. Disse o general: "No processo democrático, é essencial o direito de exprimir as opiniões, mas por enquanto, até que os processos democráticos sejam restabelecidos, não podemos permitir críticas à política internacional de governo da Alemanha. Alguns chefes políticos recentemente fizeram algumas críticas. Preferiríamos que tais ocorrências cessassem espontaneamente e que o Governo Militar se visse forçado a tomar outras medidas." Ex-membros do partido nazista na zona russa recebem cursos de seis meses de teoria política, e depois disso são aceitos como membros do Partido Comunista.

Quando ao restabelecimento do Conselho Nacional, foi decidido por unanimidade, e com a finalidade, simplesmente, de dar ao Partido uma estrutura mais democrática, assegurar um contacto mais estreito entre os militantes das federações e seus eleitos e de associar todos os socialistas do país às discussões necessárias quando se toma uma resolução importante.

Eis aqui, resumida, as conclusões dos debates. A unidade do partido sai deles reforçada enquanto seu espírito revolucionário e sua adesão à causa democrática ficam mais afiançados que nunca.

É necessário que todos as forças da classe operaria se unam em torno da defesa da autonomia sindical, unico meio de os trabalhadores poderem resistir ao constante agravamento da situação econômica do país. E nesses momentos de crise que os capitalistas sentem a necessidade de efetuar cortes nos salários, dum outro jeito, quer pela redução pura e simples, que pelo aumento da jornada do trabalho velada ou claramente realizada.

Diante dessa ofensiva patronal, os sindicatos controlados pelo Estado não têm nenhuma força, porque é o Governo, por intermedio do Ministerio do Trabalho, que lhes determina a ati-

vidade. Os dirigentes desses sindicatos, ligados umbelicalmente ao aparelho governamental, não têm coragem de se colocar a frente da defesa dos interesses das massas. Ao contrario, utilizam-se de todos os meios para sabotar essa defesa e traír os interesses das massas congregadas nesses sindicatos.

É por causa dessa mesma ofensiva acontra as condições de vida e de trabalho das massas, na qual o governo se alia aos capitalistas, que o Ministerio do

União de todas as forças em defesa da classe operaria

Trabalho vem desempenhando, toda essa atividade anti-proletaria odiosa, que vai desde os decretos contra a greve e contra os salários, até a intervenção nos sindicatos semi-autônomos.

Trata-se agora de defender condições dignas de vida para a

classe operaria, que não pode ser o bode expiatorio da tremenda crise que sacode o país. A defesa dessas condições de vida exige imperiosamente que os sindicatos sejam autônomos, unico meio de poder ter forças para proteger os interesses das massas

e resistir á ofensiva capitalista. Nessas condições, as forças existentes no proletariado que não visam estabelecer regimes totalitarios mascarados de revolucionarios precisam unir-se para que a classe operaria continue a gozar das liberdades democraticas e possa defender-se dos sofrimentos ocasionados pela atual crise. Não é possível que as forças operarias que batalham em prol da estabelecimento de condições dignas de vida e de trabalho continuem de-

envolvendo atividades isoladas, enfraquecendo assim as forças da propria classe operaria na resistencia aos designios capitalistas.

A união dessas forças se torna mais imperiosa porque também representa a possibilidade do encaminhamento da solução politica da crise para as estradas da democracia, evitando um surto ditatorial, militar ou totalitario. A democracia conduz ao socialismo. Esta a razão por que apelamos para este bloco de todas as forças proletarias socialistas e democratas. A divisão só sera favoravel aos inimigos da classe operaria e da democracia. H. L.

PAGINA SINDICAL

Uma questão de interesse dos operarios

É necessário que desde já os dirigentes sindicais elaborem seus planos de ação para conseguir o pagamento dos domingos, feriados e "dias santos," de acordo com o que foi resolvido pela Comissão Constitucional. Doutr lado é preciso que todos fiquem alertas para evitar as conhecidas manobras que os ca-

pitalista executam sempre que é necessário destruir uma vantagem dos trabalhadores.

Por todos os meios a classe operaria tem de fazer chegar ao conhecimento dos membros da Constituinte o seu interesse pela aprovação kuaquele direito, mais do que justo, pois representa de fato uma melhoria nas condições de vida dos trabalhadores.

Realmente, choca ao mais tacanho espirito o fato de o operario só ganharem nos dias em que trabalham, ficando o capitalista desobrigado de pagar-

lhes o dia do descanso semanal. Esse regime, atualmente em vigor e legalizado na Consolidação das Leis do Trabalho, tira toda autoridade moral a quem quer que seja reclamar contra as faltas dos operarios ao serviço.

É de absoluta necessidade de todos os militantes prestarem atenção á marcha dos trabalhos da Constituinte, afim de que se possam mobilizar para evitar que varias disposições vantajosas para os operarios sejam postas abaixo no plenário.

Desde já, todos os operarios devem ir se congregando e reivindicar o pagamento dos domingos, feriados e "dias santos." Em caso de trabalharem nesse dia, deve ser exigido pagamento em dobro.

Abaixo transcrevemos, sem comentários, uma carta-aberta dirigida por um operario ao Ministerio do Trabalho sobre a questão da queda do rendimento do trabalho

"Sr. ministro — Saudações. — O senhor já procurou saber que é o motivo do decréscimo de produção do operario?

Então veja se o que exponho, não é o suficiente:

Moro no suburbio da Estrada de Ferro Rio d'Ouro, lugar longe, aonde não há conforto mais tem lugar para seis brasileiroshinhos brincar em a vontade. Levanto-me ás 3 horas da madrugada, para entrar, no serviço ás 7 horas da manhã, em Copacabana (dizer aos encarregados que o trem atrasou já não, adianta)

Um operario dá os motivos por que o rendimento do trabalho decresceu

trabalho numa companhia e ganho Cr\$ 2.80 por hora (ganho em oito horas de serviço, Cr\$ 24,40-.

As 3 horas da manhã não posso tomar café em casa, quando chego á Copacabana também não o posso fazer, pois os botequins estão fechados e quando estão abertos, não têm pão, não têm leite e açúcar também não é todo o dia que têm, logo das 7 ás 11 horas trabalho sem comer (saco vazio não fica em pé).

Comprando os gêneros de primeira necessidade pela tabela

da C.C.P., o dinheiro não chega para comer. Resultado: (Tenho 1,70 e peso 62 quilos).

Minha mulher, só fica gorda, quando a cegonha vai passar lá por casa, meu filho mais velho tem 8 anos, é o mais gordo pesa 16 quilos.

Porem, nada disto interessa. Sr. ministro, não interessa ao senhor, não interessa ao meu patrão.

Por que o senhor não vem morar em Belfort Roxo?

Não vem enfrentar um trem da Rio D'Ouro, cheio até o teto, não vem pendurado da estação Francisco Sá até Lapa, não pega um bonde Ipanema, super-lotado e vai da Lapa até, para não sacrificar muito, Constant Ramos em Copacabana em posição de verdadeiro acrobata, para oito horas de bombardeio em concreto. O sacrificio, Sr. ministro, não é muito, uma semana só, e verá o senhor se não dá vontade de amaldiçoar a hora em que se nasceu.

O samba não é o culpado da pouca produção. O operario não vem trabalhar não é porque foi aumentado, não.

O operario tem fome, o operario vê os seus filhos chorarem sem pão, os operarios andam sem roupa, nem macacão um operario pode vestir mais. (O mais ordinario custa Cr\$ 50\$00.)

O estranho anti-proletarismo do Conselho Regional do Trabalho

Os operarios marmoristas de Petropolis estão profundamente descontentes com a medida do Conselho Regional do Trabalho anulando todo o processo de dissídio coletivo que o sindicato dos trabalhadores impetrou contra 142 firmas daquela cidade fluminense.

Parece mentira que aquele órgão da Justiça do Trabalho, após longa demora burocrática para apreciar o caso, tome aquela medida, que é uma verdadeira provocação aos operarios, que não vêem outro caminho para conquistar outras melhorias senão o da greve.

Alás o Conselho Regional do Trabalho, desta capital, vem se caracterizando pelo seu espirito anti-proletario, pois sempre descobre um meio de anular processos e julgamentos favoraveis aos trabalhadores, parecendo até que seus membros fazem questão de aparecer como defensores dos interesses patronais.

A atitude do Conselho Regional do Trabalho não nos surpreende, porque para nós, no fundo, a Justiça do Trabalho não passa de um dos muitos instrumentos de dominação do capitalismo.

Protestando contra as manobras protetoras do Conselho aos capitalistas, não visamos outra coisa senão mostrar a todos o seu verdadeiro caráter de algaço para os operarios. É precisamos dizer que as atitudes do Conselho Regional do Trabalho favorece essa nossa tarefa.

Mais uma lei anti-proletaria projetada

Anuncia-se que o Governo pretende assinar um decreto-lei determinando que os aumentos de salários se regulem pelas folhas de ponto e pelas tabelas de produção dos operarios e empregados.

Tal decreto baseia-se na necessidade de aumentar o rendimento do trabalho, cuja queda o governo, revelando uma ignorância de espantar, e uma cumplicidade escandalosa com os capitalistas, insiste em considerar como originada do absentismo proletario, quando de fato a causa da queda do rendimento do trabalho é devido ás maquinarias velhas e estragadas.

O verdadeiro intuito dessa projetada lei é claramente impedir movimentos operarios pelo aumento de salários pela divisão das forças dos trabalhadores. A tal dispo, verifica-se que é um golpe profundo ás condições de trabalho das massas, pois quer introduzir de fato a pior forma de salário — o salário por tarefa, apenas mascarado com outro nome. É o salário por tarefa ou peça a pior forma de exploração capitalista, pois leva os operarios a dedicar os maiores esforços para obtenção de melhores ganhos, desgastando-lhes rapidamente todas as forças. O salá-

rio por peça ou tarefa fundamentalmente significa até um agravamento nas condições de salários porque de fato rebaixa-rio, pois são os capitalistas que determinam o quantum a ser pago por peça ou tarefa. É evidente que os interesses dos capitalistas sempre determinarão que esse quantum seja o menor possível.

Os sindicatos não podem ter outra atitude diante dessa projetada lei sugadora das forças da classe operaria senão o de declarar-se determinado. Não podem os sindicatos, sob pena de condenarem os trabalhadores á maior miséria e a piores condições de trabalho, apoiar essas medidas. Se tal lei for promulgada significará para as massas menos pão e mais exploração.

Não pense o governo que pode iludir os trabalhadores. Esse projetado decreto-lei não tem outra finalidade senão descarregar só as massas o peso total da grave crise por que atravessa o país.

Tanto isso é verdade que o Ministerio do Trabalho, que vive falando dos prejuizos causados á economia pelo absentismo operario e incentiva campanhas nesse sentido, não pode apresentar dados estatísticos que fortaleçam seus argumentos. Os dados estatísticos, ao contrario provariam que, apesar das atuais condições de vida serem atualmente piores para a classe operaria do que os reinantes em épocas anteriores, o comparecimento médio operario aumentou, precisamente porque o custo elevado de vida especialmente o dos generos alimentícios, não permite que os operarios falem ao serviço, porque só ganham quando trabalham. Não ha ser humano que passe fome por prazer. Ao contrario, quando o aspecto da fome surge diante de alguém, é que tudo é feito para escapar-lhe das garras.

É possível que o ministro Negreão de Lima, fazendeiro e banqueiro, que vive da exploração do trabalho alheio, deixe de ir ao seu escritório sempre que lhe dá

na telha. Mas é que ele sabe que muitas centenas de homens estão trabalhando para que possa gozar do conforto em que vive. Se os operarios é empregados resolvessem não trabalhar mais, toda a sociedade iria por agua abaixo.

A promulgação dessa lei deve ser obstada por todos os meios. É preciso que todos fiquem esclarecidos de seus verdadeiros intuitos e que o governo fique sabendo que ninguém engole a pilula que quer impor aos operarios.

Reafirmamos aqui que toda essa campanha não passa de pressão dos industriais de tecidos, que querem que os tecelões sejam obrigados a trabalhar em horas extraordinárias, para que os tubarões possam devorar os milhões dos fornecedores encomendados pela UNRRA e pelo Comité Francês de Abastecimento. Ao invés de reequiparem modernamente as fabricas, ampliando as suas instalações, preferiram os tubarões textéis as farras, as notadas nos cassinos, a compra por milhares de cruzelros de puro sangue de corrida. Agora, querem que os trabalhadores morram sobre os teares velhos caindo aos pedaços.

Assina "VANGUARDA SOCIALISTA" O jornal do proletariado

UMA NOVA FASE DA TEORIA POLITICA SOBRE A GREVE

JUAN A. ACUÑA

mas duas são fundamentalmente as que se debatem nas polémicas e no terreno da luta internacional e nacional de cada país, fora da Rússia de Stalin e da Espanha de Franco — ali só existe a teoria dos amos que mandam - e essas duas são, primeiro, a dos comunistas que sustentam a teoria de que o fim justifica os meios; a greve é um meio, o fim é a politica soviética ou stalinista; em consequência, move-os um servilismo incondicional e cego para este fim; nada os interessa mais que este fim. A outra teoria sobre a greve é a dos que admitem e defendem esse meio, não para justificar um fim determinado e isolado e sim como um elemento forjador, em última instância, de uma situação econômica social melhor, que nega ensoberbecida a burguesia e um estado de consciência superior nas massas trabalhadoras, para um fim, esse sim, a emancipação da classe trabalhadora de cada povo e do mundo inteiro.

Para os comunistas, pois, a greve tem o significado de uma ação politica de consequente adesão ás exigências dos interesses da defesa da União Soviética; ainda que claros, estes são perfeitamente camuflados pelas circunstâncias que obrigam e justificam quase sempre a greve. E nessa tessitura voltam a discutir hoje através da uma nova fase ou a consignar sobre a teoria politica sobre greve. Hoje a greve, de acordo com essa nova fase, se apresenta em duas dire-

ções; ortodoxa a primeira; especulativa a segunda; isto é, para os comunistas, a greve torna a ser o fator mais importante de agitação politica para servir os interesses soviéticos na ordem internacional e de agitação partidária, como o são os sindicatos, na ordem nacional. Com a diferença de que hoje a nova fase politica da greve é muito ativa e virá a sê-lo ainda mais, enquanto que durante guerra, a partir de 21 de junho de 1941, foi negativa para a defesa dos direitos operarios. E desse ultimo extremo se saltou para o outro, o mais ativo, para a greve não já como ginástica revolucionária, sustentada pelos próprios comunistas durante muitos anos, e sim para o da greve do continente americano; em outras palavras: contra a tese proclamada e sustentada pelos comunistas durante a guerra de industrialização e independência econômica dos povos do continente, hoje levantam a antítese, não proclamando-a por certo, mas acometendo-a com uma onda de greves que paralizem ou neutralizem esse desenvolvimento industrial e econômico. O pretexto que serve de camuflagem para tal ação é a angustiosa e desesperadora situação econômica da classe trabalhadora. Em nome dessa situação se declaram ondas sucessivas de greves; o pretexto é justo, a finalidade que se almeja não, porque por ela não se encontrarão precisamente soluções para essa situação, em virtude de que só se

procura servir, repetimo-lo, o interesse da Rússia na esfera internacional e dos partidos comunistas, sempre muito em segundo plano, na esfera nacional.

AS INFLUÊNCIAS IMPERIALISTAS SOBRE O CONTINENTE

Vejamoss mais de perto a questão: duas potências se disputam a hegemonia do mundo: as duas grandes democracias imperialistas e o império stalinista. No que diz respeito a nosso continente, as primeiras, particularmente os Estados Unidos, tratam de defender suas tentaculares influências e interesses; o segundo, o stalinismo, age em duas direções convergentes; por um lado trata de neutralizar a produção e o desenvolvimento econômico destes povos onde seu poder não alcance o timão do governo, com greves sucessivas; por outro lado, paralelamente, e como resultado natural ou como fruto dessa ação, trata de aprofundar o desemprego e a miséria que tenda a favorecer a ação dos partidos comunistas. Ambas as influências imperialistas, a democracia burguesa ou a ditadura stalinista, buscam assim, a primeira o domínio total de fontes de abastecimento, e a segunda a destruição destas, exceto se conseguir o governo de determinado país, mas ambas com vistas a uma futura guerra entre a democracia capitalista e a ditadura stalinista. Eis aqui o que em nosso entender deu um novo cunho á teoria politica sobre a greve, para os países deste continente e aqueles cujos governos podem ser adiçados á democracia burguesa. Mas enquanto isto, a classe trabalhadora de cada país, do continente e do mundo tem um tercei-

ro caminho a seguir, e esse não é por certo com a democracia burguesa nem com a ditadura stalinista e sim com o da classe por si e para si a caminho do socialismo: única solução a todos os problemas e garantia de uma paz permanente.

A GREVE TAMBÉM PODE SER PARA A REAÇÃO CAPITALISTA. ALBERTA COMPANHINHOS!

Se é assim ou não, os fatos posteriores o dirão; por nossa parte o assinalamos como algo que já divisamos no horizonte escuro da intrincada trama dos interesses em jogo.

Fazer greves, sim, e todas as que sejam necessárias, que não serão poucas, mas não para servir ao comunismo soviético ou crioulo, e sim para servir aos interesses dos grêmios operarios da classe trabalhadora em geral.

Por último, anotemos a alternativa que se pode operar e que mais deve alertar os trabalhadores, de haver ambiente para a greve politica "de qualquer modo", adotada hoje pelos comunistas.

A greve com caráter politico pode ter êxito se é revolucionária e correnponde a uma consciência coletiva da classe trabalhadora; isto é, quando se verificam as condições inerentes para o desmoronamento da sociedade burguesa com a tomada do poder pelos trabalhadores. Mas fazer a greve antes, e sistematicamente, como a estão forjando os comunistas, conduz ao fracasso, tarde ou cedo. E o mais grave é que tende a reagrupar irremediavelmente a reação burguesa e abre caminho para o fascismo; alerta, pois!

(De "EL SOL" — 1.º de maio de 1946).

Na conferência realizada pela Confederação de Trabalhadores da América Latina (C. T. A. L.) em Havana, em 1943, essa organização tomou a seguinte resolução: "Compromete-se a prescindir da greve durante a guerra e aceitar o arbitrio obrigatório, afim de não intensificar a luta de classes", etc.

Posteriormente, quando foi realizada em Montevideu outra conferência similar — fevereiro-março de 1944 — a C. T. A. L. e sua filial nacional do Uruguai, U. G. T., ratificaram aquela resolução. A resolução anterior estava abandonada pela teoria do "esforço de produção para ganhar a guerra". Materializava-se assim uma orientação sindical que já estava em vigor desde o dia em que a Rússia entrou na contenda bélica, em contraposição á anterior a essa data, de "neutralidade ante a guerra imperialista".

A greve, pois, teve no ultimo lustro uma nova teoria politica; primeiro, era um elemento formidável de sabotagem ás chamadas democracias em sua luta contra o nazismo; e depois era um meio desprezível, sob pretexto do "esforço de produção para ganhar a guerra", a mesma guerra que durante os primeiros vinte e dois meses foi chamada de guerra imperialista.

Mas cabe consignar outro fato — do qual trataremos oportunamente — e é o seguinte: pela resolução citada, a C. T. A. L. aceitou o arbitrio obrigatório afim de não intensificar a luta de classes. Meça-se a gravidade dessa resolução ratificada mais tarde pelo primeiro congresso ordinario da U. G. T., em abril de 1944. Significa que se renunciava ao direito de greve e á luta de classe, propugnando-se en-

A NOVA FASE DA TEORIA POLITICA SOBRE GREVE

A greve intrinsecamente tem suas teorias e seus "teóricos",

COMO NÃO SE DEVE CONDUZIR UMA GREVE

O autor desta reportagem acompanhou de perto os acontecimentos que culminaram na paralisação parcial dos bondes da Light. E, antes do mais, julga necessário abordar o problema das reivindicações econômicas dos trabalhadores da companhia canadense.

São elas mais que justas, sua satisfação uma necessidade premente. Os trabalhadores da Light, em sua quase totalidade, vivem em condições miseráveis, tendo por destino certo a tuberculose. Nas assembleias sindicais essa situação ficou positivamente evidenciada pelas intervenções individuais de vozes revoltadas salidas da massa.

A Light explora impiedosamente os seus trabalhadores. Muitos deles, com mais de vinte anos de casa, ganham menos de novecentos cruzeiros. Outros, esgotados nos trabalhos, terminam seus dias apoiados nas escolas dadas por antigos companheiros na porta da empresa, em dia de pagamento.

A Light lhes tem negado a mais comestiva assistência. É inexorável nos descontos. Mantém uma polícia secreta, que transforma as oficinas e locais de trabalho da companhia em verdadeiros campos de concentração.

Se fôssemos descrever as misérrimas condições materiais e morais a que estão sujeitos os empregados da Light encheríamos muitas páginas de *Vanguarda Socialista*; mas este não é o nosso objetivo no momento.

Fica, porém, aqui firmado todo o nosso apoio às reivindicações dos trabalhadores da Light e toda a nossa solidariedade futura em suas lutas por melhores e mais humanas condições de vida.

★

A TABELA DA VITÓRIA

A luta dos trabalhadores da Light pela concessão de um aumento efetivo dos salários se iniciou há mais de um ano. Pouco tempo depois, e a menos de um ano, foi firmado um acordo, patrocinado pelo Ministério do Trabalho, entre a companhia e os seus empregados na base de uma tabela de aumento, que recebeu o nome de "Tabela Parabolica". Esse acordo, firmado às portas fechadas, não satisfaz a maioria da classe e principalmente aos trabalhadores de menor salário, porque efetivamente trouxe um aumento irrisório: sessenta ou oitenta cruzeiros para eles. Além do que, sua importância diminuiu ainda mais, pelo fato de a companhia ter retirado antes o abono de tempo de guerra.

Desde então, com encarecimento geral da vida, a situação dos trabalhadores da Light tornou-se extremamente penosa e a classe predispoz-se a lutar por um novo aumento.

Foram realizadas com esse ob-

jetivo três assembleias nos três sindicatos de empregados da Light, e escolhidas três comissões de salários. Essas comissões ficaram inteiramente nas mãos dos comunistas, que passaram a desenvolver larga agitação em torno da tabela elaborada e que recebeu o nome de "Tabela da Vitória".

A classe uniu-se em torno dela, mas dividiu-se no que diz respeito aos métodos a serem empregados na sua obtenção ou negociação. As comissões de salários, dominadas pelos comunistas, desenvolviam toda a sua ação visando a greve à burocracia sindical, visando um acordo por intermédio das autoridades.

Os comunistas vendiam selos da vitória, para o fundo de greve; as diretorias dos sindicatos procuravam o sr. Astolfo Serra no Departamento Nacional do Trabalho.

A INTERVENÇÃO DA COMISSÃO PARLAMENTAR

A atividade das comissões de salário era evidentemente conhecida da polícia. Muitos dos seus membros foram presos. A companhia despediu a maioria deles. E o governo procurou desprestigiar as comissões de salários, não dando guarda a nenhuma de suas iniciativas, como a passeata ao Catete. Foi sempre sua intenção, desde o começo, aniquilar o prestígio das comissões de salário aos olhos da classe. O sucesso de uma marcha ao Catete, como no tempo de Getúlio, faria crescer o prestígio das comissões de salário.

Fracassado esse intento demagógico, os comunistas intensificaram sua preparação para a greve, e adotaram como tática jogar a seu favor a Assembleia Constituinte, no ato de sua deflagração. Daí a formação da Comissão Parlamentar, de iniciativa comunista. O diabo, porém, é que o tiro saiu pela culatra, pois a Comissão não se dispôs a servir de juguete dos comunistas.

O objetivo comunista foi o de criar uma comissão parlamentar que estudasse as reivindicações dos trabalhadores da Light, e que desse um parecer sobre o assunto. Não contavam, porém, que a Comissão fosse além de sua competência puramente apreciativa, pois a Comissão resolveu assumir um papel mediador e daí por diante passaria a ser uma pedra no caminho dos objetivos grevistas das comissões de salário. Os comunistas desejavam que os anjinhos da Comissão criassem um clima de simpatia a favor dos trabalhadores da Light e de suas reivindicações, estendendo-se essa simpatia, em última análise, à própria greve que contavam deflagrar. Seu intento fracassou, pois em vez de simpatia e solidariedade moral a Comissão apresentou uma proposta, que

nada tinha que ver com a "Tabela da Vitória", em torno da qual vinha desenvolvendo sua ação.

Esta apreciação fica comprovada pela tática seguida pelos militantes comunistas nas duas últimas reuniões sindicais dos trabalhadores da Light. Prócuravam enleiar a Comissão Parlamentar no apoio à greve e torpedearam sua proposta de conciliação.

FRACASSO DE UMA AVENTURA

A proposta conciliatória da Comissão Parlamentar obrigou os comunistas a precipitar os acontecimentos. Não era mais possível esperar, sob pena de ver perdido todo o trabalho de agitação desenvolvido nos últimos dois meses. Batista Neto procurou como recurso extremo arrastar a Comissão a aceitar uma proposta de aumento geral de Cr\$ 300,00, que fora de qualquer dúvida a Light não aceitaria. Por outro lado defendia a tese de que a companhia era intrínseca e inconciliável.

Nessa altura dos acontecimentos, tudo levava a crer que a greve não seria deflagrada. A Comissão Parlamentar uniu os seus esforços ao do Ministério do Trabalho. A companhia, forçada a negociar, pediu um prazo de três dias para estudar a proposta da Comissão. A classe unida na luta pelo aumento de salário estava em sua grande maioria disposta a esperar a resposta da Comissão.

Foi então que os comunistas resolveram lançar-se na aventura. Se bem que tivessem dúvidas quanto ao seu sucesso, como prova a declaração do militante Ari, que declarou antes do início da reunião que decidiu a greve, estar incerto quanto à reação da massa.

A reunião do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos contou com a presença de uma minoria da classe. Dentro do salão superlotado, se cumpriram os elementos mais exaltados e mais chegados ao Partido Comunista. Nas imediações, um maior número de trabalhadores não podiam tomar parte nos debates nem na votação. Nessa situação a assembleia foi joguete fácil dos militantes comunistas.

A luta entre a Comissão e os militantes comunistas foi por isso mesmo desigual. As duas posições expostas acima se chocaram, saindo derrotada a Comissão. A questão central era se a classe deveria ou não esperar o prazo pedido pela companhia para estudar a proposta da Comissão Parlamentar. A assembleia votou pela greve.

Está fora de qualquer dúvida de que a maioria da classe estava disposta a esperar. Tudo nos leva a crer que esta seria a atitude mais aconselhável, pois, na hipótese de a companhia não aceitar a proposta da Comissão, a posição da classe se fortaleceria. Então seria possível se chegar à greve com o apoio geral, porque ficaria evidente que a culpa do fracasso da conciliação era da companhia.

O resultado inevitável foi a derrota do Partido Comunista no seio dos trabalhadores da Light.

A ATITUDE DA LIGHT

Procuramos de início separar a questão das reivindicações econômicas dos trabalhadores da Light da política aventureira dos militantes do Partido Comunista. Essa política sofreu uma grave derrota. Os trabalhadores devem ter aprendido muito. Mas as reivindicações econômicas propriamente ditas continuam de pé e a luta por elas deve prosseguir.

A companhia ficou de cima com o fracasso da greve. Obrigá-la a voltar a negociar com os trabalhadores por intermédio da Comissão Parlamentar, é o problema do dia.

A política a ser seguida em face de uma intransigência da Light é prestigiar a Comissão Parlamentar, que decidiu continuar a tratar do problema.

Tudo o apoio à Comissão Parlamentar.

"Uma classe oprimida é a condição vital de toda sociedade fundada no antagonismo de classes. A emancipação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, na criação duma nova sociedade. Para que a classe oprimida possa emancipar-se é preciso que os poderes produtivos já adquiridos e as relações sociais existentes não possam coexistir. De todos os instrumentos da produção, o maior poder produtivo é a própria classe revolucionária. A organização dos elementos revolucionários como classe supõe a existência de todas as forças produtivas que podiam gerar-se no meio da sociedade antiga" — KARL MARX — "Miséria da Filosofia".

Vanguarda SOCIALISTA

ANO I

Sexta-feira, 7 de Junho de 1946

N.º 41

E as filas continuam...

Todos já sabiam que existia a crise mundial do trigo, mas o Governo não tomou nenhuma providência quanto aos suprimentos daquele cereal, imprescindível. Como sempre, as autoridades só enxergaram o problema quando os estoques já estavam praticamente esgotados. As pressões, tomaram umas tantas medidas e concluíram um acordo com a Argentina para fornecimento de 50 mil toneladas de trigo em grão. Consideraram que o pacto com os portenhos, por si só, resolvia a crise, revogaram todas as medidas restritivas e toda a propaganda oficial berrou aos quatro ventos que o pão não faltaria. Mas, a verdade é que os navios do Loide não conseguiram ser carregados com um grão sequer de trigo. Alguns milhares de sacos de farinha norte-americana chegaram ao país foram desviados para o mercado negro. Os moinhos, prendendo o aumento do preço da farinha, diminuíram a moagem. Duma hora para outra a população viu-se sem pão, condenada às longas filas, expostas às balas dos guardas-civis violentos. Diante da gravidade da situação, começaram as autori-

dades a tomar novamente medidas de restrição, impondo inclusive o racionamento, sem nenhum plano. Descobriram com algumas diligências policiais, estrepitosamente noticiadas, dezenas de milhares de sacos de farinha de trigo depositadas nos armazéns do cais do porto e de diversas firmas.

Não obstante todos os anúncios e comunicados de que o trigo argentino estava a caminho a situação agravou-se ainda mais, até que as comissões Central de Preços e Nacional do Trigo, reunidas em conjunto, resolveram conceder um aumento no preço do pão alegando que o faziam para que fosse restabelecida a entrega de domicílio e as filas tivessem um fim. Esses dois órgãos consideraram assim que toda a crise existente é apenas uma questão de preços. Mas os panificadores em sua maioria, avisaram aos consumidores que não devem esperar por nenhuma melhora até o fim da primeira quinzena do mês corrente.

Parece que amedrontados com as extensas filas, aquelas duas comissões resolveram alterar o preço do pão para, diminuindo

o número de consumidores, liquidar com as bichas.

Na verdade, a política até agora seguida pelo governo só revela a sua própria incapacidade de previsão e de organização.

As medidas só são tomadas quando o Governo se vê com as costas na parede e por isso mesmo revelam a inexistência de qualquer plano de conjunto. A incapacidade governamental só agrava a situação, tornando mais difícil a solução do problema do pão.

Vamos os poderosos moinhos, quase todos pertencentes a firmas internacionais que monopolizam o trigo mundial reagirem a todas as medidas que poderiam proteger o consumidor, impondo no fim de tudo os seus preços e as suas condições ao governo, aproveitando-se da situação para auferir mais lucros, agravando de fato a fome no Brasil. Vemos também os grandes importadores desviarem milhares de sacos de farinha de trigo para o mercado negro, porque conseguem vendê-la no interior até por quinhentos cruzeiros a saca sem nada sofrerem. Vemos também que os consumidores pobres são prejudicados, com o desvio do pão escasso para o mercado negro. E agora vemos os consumidores pobres assaltados na bolsa pela comissão Central de Preços, que descobriu "genialmente" o meio de terminar com as filas: aumentando em alguns casos o preço do pão em 50%.

É evidente que todos os controles burocráticos independentes das massas, acabam sempre por se tornarem instrumentos de agravamento das condições de vida das massas operárias e consumidoras pobres. A última comprovação dessa verdade indiscutível é o ato que estamos comentando.

A greve da Sorocabana e os fatos de Santos

São Paulo foi agitado, numa semana pode-se dizer, por dois grandes acontecimentos. O que meiro foi em Santos, quando os estivadores e doqueiros declararam-se em greve, tendo o governo fechado por seis meses o Sindicato dos Estivadores, efetuando a intervenção nas docas, enviando navios de guerra e fuzileiros para ocupar o porto, ao mesmo tempo em que a polícia de Oliveira Sobrinho, cuja fama de destruidor de sindicatos e de torturador de operários vem desde 1928, cometia todas as violências. Centenas de trabalhadores foram presos e a polícia não os tratou a pão de ló, porque novamente voltaram as torturas, as prisões arbitrárias e o desrespeito à dignidade dos operários. A guerra do Ministério do Trabalho contra os estivadores e doqueiros de Santos para ser vitoriosa teve de contar com o auxílio da Marinha e do Exército, além das violências policiais praticadas à vontade. Durante alguns dias Santos foi o campo em que a polícia fazia o que entendia.

Depois, veio a grande greve da Sorocabana, que paralisou todo o tráfego, tendo o governo mobilizado os bombeiros para movimentar os trens, mobilização que redundou em fracasso geral. Também nessa greve a polícia prendeu dirigentes ferroviários e cometeu todas as violências a que está acostumada, pois está certa de sua impunidade.

A amplitude do movimento forçou o próprio interventor Macedo Soares a negociar com os grevistas, pois estes se mantiveram firmes. Para conseguir a volta ao trabalho, o interventor prometeu a concessão breve do abono de 300 cruzeiros a todos os ferroviários, além de soltar os grevistas presos e atender a outras reivindicações dos ferroviários.

Terminou a greve, na verdade, com uma semi-derrota dos ferroviários, que voltaram ao serviço a troco de uma simples promessa em relação à reivindicação principal. É evidente que essa semi-derrota se deve a erros de tática dos dirigentes da greve. Como os da Leopoldina, os ferroviários iniciaram a greve para obterem aumento de salários, terminando-a por pedir um abono provisório, o que está demonstrando que reina a confu-

são na cabeça dos dirigentes, que se deixaram cegar por qualquer miragem fabulosa. Esta modificação nas reivindicações principais mostra que o movimento não foi por pressão espontânea da massa dos grevistas, mas que estes foram um tanto utilizados como instrumentos de manobra.

O católico e o movimento operário

Talvez ainda este mês, reunisse no Rio o Congresso Nacional dos Operários Católicos, com a participação de delegados de todo o país. Torna-se assim, dia a dia, mais claro que os católicos fazem todos os esforços para agrupar as suas forças no campo operário, visando não só combater o P. C. B. mas também conquistar a hegemonia no movimento operário, para o que conta com apoio velado do próprio governo e auxílio direto de todo o aparelho eclesiástico católico, extremamente poderoso no país. A Igreja Católica realiza um tremendo esforço para a conquista da classe operária e mobiliza tudo que pode para alcançar esse objetivo, que lhe aumentaria ainda mais o poderio.

Os católicos organizaram o MOSC, intensificaram a ação dos Círculos e da Juventude Católica no Rio e prepararam com toda a rapidez possível quadros para intervir abertamente e intensamente no campo sindical. Dia a dia, tornam-se uma força no campo operário, que será preciso levar em conta. Desapareceram os tempos em que se encarava displicentemente o papel dos católicos do movimento operário. Contam eles com vários líderes experientes e combativos, como ficou demonstrado no Congresso de Juiz de Fora. Apresentam-se aos olhos das massas com um vasto programa de reformas sociais, baseado nas encíclicas de Leão XIII e Pio XI, além de manipular a seu favor as crenças dos operários ainda não politicamente esclarecidos.

Não obstante, as divergências inconciliáveis que nos separam dos católicos, tanto filosóficas como ideológicas, o aparecimento do MOSC e de outras organizações católicas no campo sindical tem de ser considerado como progressivo, pois a própria essência da Igreja Católica leva a opor-se ao totalitarismo estatal e permitirá a existência de certas condições favoráveis ao movimento sindical operário.

Aguardamos os resultados do Congresso Nacional dos Operários Católicos para poder constatar praticamente os avanços dos católicos no campo sindical

e as posições que tomarão concretamente em várias questões de importância para o movimento operário. De outro lado, esse congresso também irá mostrar até que ponto conseguirão os católicos separar o seu movimento operário, social, dos estreitos limites de mero movimento eclesiástico, porque, pelo menos até o advento do MOSC, a J.O.C. e os Círculos de Operários Católicos nada mais eram do que organizações para-eclesiásticas.

Mais uma violência

Sábado passado, a polícia impediu a instalação da União dos Sindicatos dos Trabalhadores do Distrito Federal, organizada de acordo com resoluções aprovadas pelo Congresso Sindical de março último nesta capital, a que comparesem a grande maioria dos sindicatos do Rio.

É claro que a polícia age por ordem do Ministério do Trabalho, que considera as uniões sindicais como órgãos espúrios na "organização sindical do país", porque não são reconhecidas por lei, o que vai de encontro à letra expressa da própria Consolidação das Leis do Trabalho em seu artigo 511. Mas as uniões sindicais nasceram fora do controle ministerial e esta é a razão por que o ministro Negreiros de Lima, que quer reduzir todo o movimento operário à obediência passiva, como era nos tempos do Estado Novo e nos demais regimes totalitários. O pretexto da luta contra o comunismo está servindo para liquidar o movimento independente da classe operária que, pouco a pouco, está sendo forçada a submeter-se ao regime totalitário do pretenso "movimento sindical" controlado pelo Ministério do Trabalho, arcabouço para qualquer novo Estado Novíssimo, de tendências fascistas.

Protestando contra o ato reacionário da polícia e do Ministério do Trabalho, impedindo a instalação da União Sindical do Rio, apelamos mais uma vez para união de todas as forças em defesa da classe operária

A Resistencia Espanhola PRISÃO DE MILITANTES DO P. O. U. M. EM MADRID

Na Espanha de Franco o terror continua implacável, talvez mais forte do que nunca. Os falangistas não dão importância alguma a todos os protestos que de vez em quando se elevam em diversos países quando se anunciam condenações ou fusilamentos. De que não cessarão em seu criminoso intuito de afogar em sangue toda oposição, temos uma prova no manifesto por eles redigido, impresso e profusamente difundido, e que contém a seguinte ameaça terrível: "Não vos ocorreu que em menos de duas horas todo falangista terá descarregado duas vezes sua pistola à razão de seis vítimas por carga? Não menos de 120.000 pessoas seriam executadas em Madrid."

Nestas últimas semanas a capital da Espanha tem vivido — e continua a viver — em um ambiente de grande agitação. Os braços erguidor, para exprimir sua solidariedade com o caudilho e ao mesmo tempo para provocar os elementos anti-fascistas. Numerosas detenções foram efetuadas nos bairros populares, onde os operários se mostram mais irredutíveis ao franquismo, e onde a propaganda contra Franco e a Falange é mais intensa, propaganda essa que a despeito de todos os obstáculos não deixa de aumentar de dia para dia.

Entre os detidos encontram-se vários elementos da secção ma-

drilena do P. O. U. M. Entre outros, estão presos quatro excelentes militantes desse partido que durante todos estes anos deram prova de magnífico espírito de luta e sacrifício. Trata-se dos companheiros Emma Roca, Aymerich, Ulplano e Teodoro Sanz. Quatro militantes que desde julho de 1936 não cessaram por um só dia o combate contra o inimigo.

Todos eles foram brutalmente maltratados nos calabouços do governo franquista, e em particular Emma Roca. Os Verdugos falangistas estavam interessados em fazê-los confessarem e denunciarem todos os componentes da secção madrileña do P. O. U. M. Foram vãos, porém, as suas tentativas, pois de nada serviram as ameaças e os maus tratos. Como represália, detiveram várias pessoas da família de Emma, que naturalmente nada têm a ver com o P. O. U. M.

Há muitos receios pela vida desses companheiros. Acha-se sós, à mercê do inimigo, e sem o auxílio de uma dessas apparatus propagandas internacionais de imprensa que os comunistas, por exemplo, sabem e podem fazer pelos seus correligionários. Por isso mesmo solidarizando-nos com essas vítimas da reação fascista na Espanha, devemos levantar a opinião socialista, de esquerda democrática do mundo em defesa desses companheiros.